



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE HISTÓRIA

Lucas Martins Barroso

**A seleção colombiana na Copa de 1994 e o assassinato de Andrés Escobar nas matérias do jornal "El Tiempo": nação, futebol e narcotráfico**

Rio de Janeiro

2019

Lucas Martins Barroso

**A seleção colombiana na Copa de 1994 e o assassinato de Andrés Escobar nas matérias do jornal "El Tiempo": nação, futebol e narcotráfico**

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Fernando Luiz Vale Castro

Rio de Janeiro

2019

## AGRADECIMENTOS

Esta monografia encerra um ciclo iniciado há seis anos, quando me mudei para o Rio de Janeiro para realizar o sonho de cursar uma graduação na área de ciências humanas. Entre frustrações e descobertas, tristezas e alegrias, chego aqui convencido da necessidade de uma educação pública, gratuita e de qualidade em um país caracterizado por profundas desigualdades.

Por isso, não poderia iniciar uma seção de agradecimentos sem recordar que sou um formando oriundo do programa de cotas universitárias, criado durante os anos de governo do Partido dos Trabalhadores (PT). Sem os mecanismos que reconhecidamente democratizaram o acesso à educação neste período ou eu não teria cursado o ensino superior ou o teria feito em uma instituição de qualidade inferior.

Também recorro aqui ao Instituto Politécnico da UFRJ em Cabo Frio, escola fundada pelo professor Fernando Amorim e fechada pelo reitor Carlos Leher, onde fiz o curso de audiovisual integrado com o ensino médio. Uma instituição que implementou um modelo de politécnia baseado na educação pelo trabalho. Ali, me apaixonei pelos temas das ciências humanas, as questões filosóficas, históricas e políticas. Agradeço especialmente os professores Daniel, Rafael, Paulo, Vitor, Mariana e Kimon, os três últimos de história e decisivos na minha opção por nossa disciplina.

Uma escola que formou muitos alunos que, como eu, foram aprovados em grandes universidades do estado do Rio de Janeiro. São os casos dos meus amigos Vinicius e Lara, a quem agradeço pelo suporte nos dilemas acadêmicos tanto quanto nos pessoais há muitos anos.

Outra instituição importante na minha formação foi o Grupo de Educação Multimídia (GEM), que organizava o curso de audiovisual do IPUFRJ enquanto este existiu. De 2014 a 2017 fui bolsista deste projeto de extensão, que atualmente se vincula à Faculdade de Letras da UFRJ, no Fundão. Neste espaço, tive a honra de conviver com o professor Cubero, além de Paulo, Zé e Thiago.

Agradeço também aos amigos do IFCS. Antes de todos, os camaradas Matheus e Kevin, sem os quais não estou seguro se teria terminado a graduação. Agradeço as pesquisas em grupo e o vasto volume de resenha produzida nestes anos. Agradeço também ao Baião e à Luciana pelos papos e Lapas de início e fim de faculdade, respectivamente.

Agradeço ao professor Fernando Castro e todas as pessoas que passaram pelo laboratório e as aulas de história do futebol, desde 2017. Fernando já tinha sido meu professor no início da faculdade e sempre admirei seu prazer em dar aulas. Ele sempre mostrou preocupação com o ensino de história. Tivemos um diálogo de alta qualidade e, claro, muitas resenhas esportivas. Atencioso, grande historiador e tricolor fanático.

No laboratório e, de uma maneira geral, com os meus estudos sobre história do esporte, me tornei mais autocrítico ao perceber o quanto certos comportamentos no interior do futebol podiam ter um viés de classe ou preconceituoso (misógino, machista, homofóbico). Agradeço a todos os envolvidos por ter percebido o quanto eu reproduzia no estádio uma série de discursos que não admitia em outros espaços. Nesse quesito, como em tantos outros, devo muito à Sara.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à Vera e Gil, meus pais, por todo amor e dedicação com as quais me criaram. À minha mãe, sobretudo por ter me incentivado tanto a ler e estudar. E a meu pai, pelo coração bondoso que jamais encontrei igual. Também agradeço a tia Rita e Wevergton pelo tanto que foram importantes na minha formação intelectual, política, cultural, cidadã e vascaína.

Não posso concluir sem agradecer ao Vasco, que não caiu e assim me incentivou a escrever mais e melhor esta monografia.

## RESUMO

Os objetivos desta monografia são: identificar a veiculação de uma ideia de nação, nos textos do jornal “El Tiempo”, associada à seleção de futebol da Colômbia, cujo sucesso esportivo, até a Copa de 1994, foi interpretado em oposição simbólica à violência promovida pelo narcotráfico na sociedade como um todo; e analisar as mudanças deste discurso após o fracasso dentro das quatro linhas – a eliminação precoce do torneio – e fora delas – o assassinato do zagueiro Andrés Escobar, um ídolo, autor de um gol contra decisivo, crime sobre o qual de imediato se lançou a suspeita de envolvimento do narcotráfico. Esta pesquisa investiga a sociedade colombiana através do futebol e de um meio de comunicação, com apoio das ferramentas teóricas e reflexões da história do esporte.

**Palavras-chave:** Colômbia; História do esporte; Identidade nacional.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>O NARCOTRÁFICO E O FUTEBOL</b> .....	<b>9</b>
2.1	A INFLUÊNCIA DOS CARTEIS NOS CLUBES E NA SELEÇÃO .....	9
2.2	O ASSASSINATO DE ANDRÉS ESCOBAR .....	14
2.3	A SELEÇÃO DE FUTEBOL E A NAÇÃO .....	19
<b>3</b>	<b>A SELEÇÃO NA COPA DE 1994 EM “EL TIEMPO”</b> .....	<b>24</b>
3.1	O JORNAL “EL TIEMPO” .....	24
3.2	O HISTÓRICO ANO DE 1993 .....	25
3.3	O CICLO DE PREPARAÇÃO PARA A COPA DE 1994 .....	28
3.4	A ELIMINAÇÃO PRECOCE .....	42
3.5	A TRAGÉDIA .....	46
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*“a Colombia le corresponde satisfacer en esta oportunidad única del Mundial no solo las expectativas de una fervorosa fanaticada, sino, mediante el fútbol, paradójicamente, algo más. Que Colombia no es sólo coca, violencia, terrorismo y muerte, precisamente a través de la actuación del seleccionado nacional.”*

*(Luis Carlos Perea, jogador da seleção colombiana em 1994)*

O trecho da epígrafe foi publicado pelo jornal “El Tiempo” às vésperas da participação da seleção colombiana na Copa de 1994. Como muitos de seus textos na época, remete ao compromisso da equipe em se apresentar como algo mais do que um time. A ela cabia representar o próprio país diante do mundo, como uma alternativa à repercussão internacional negativa da escalada do narcotráfico nos mais diversos setores da sociedade.

A presente pesquisa foi produzida no âmbito do laboratório de história do futebol da UFRJ ao longo de 2018. Nos textos e discussões destacou-se a importância do esporte, em geral, e do futebol, em particular, no século XX. Com a virada historiográfica dos anos 1970, o mundo esportivo recebeu uma nova valorização em nossa disciplina. O mérito da pesquisa nesta área consiste na articulação da história esportiva (jogos, eventos, personagens, trajetórias) com a história política, econômica, social, etc. Em outras palavras, me interesso por uma história do esporte que não se limite a si mesma, e sim contribua na elucidação de recortes historiográficos de uma maneira mais abrangente.

No caso da presente pesquisa, o aspecto esportivo diz respeito ao sucesso da seleção colombiana nas quatro linhas e as expectativas em torno de sua participação na Copa de 1994. Aqui, a questão da nacionalidade ganha centralidade, tendo em vista que os cientistas sociais Catalina Lodoño e Andrés Dávila assinalam a conformação da seleção como referência em termos de identidade nacional no país a partir de fins dos anos 1980<sup>1</sup>. Na prévia da Copa realizada nos E.U.A. a equipe foi apontada pela imprensa internacional e por grandes nomes do futebol, como o próprio Pelé, como uma das favoritas ao título do torneio.

As ideias de nação e de nacionalismo empregadas ao longo deste artigo correspondem às definições de Benedict Anderson<sup>2</sup>. O autor elenca as características de coesão próprias da

<sup>1</sup> DÁVILA L., Andrés; LODOÑO, Catalina. **La nación bajo un uniforme: Fútbol e identidad nacional en Colombia, 1985-2000**. In: ALABARCES, Pablo (org.). **Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

<sup>2</sup> ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**; tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

nação, como o fato de ser imaginada como uma rede de camaradagem horizontal, ao mesmo tempo que alerta para o fato de toda nação ser limitada geograficamente. Quando pensamos na identificação simbólica dos torcedores com os jogadores e o técnico, os estádios cheios nas cores e nuances do país, os textos jornalísticos que identificam a nação como a seleção de futebol, tudo isso aponta no sentido da afirmação da comunidade imaginada.

Os êxitos da seleção foram então interpretados como êxitos nacionais, em oposição à imagem internacional da Colômbia de imediato associada à violência do narcotráfico. O sucesso dos jogadores e do time colombiano eram representados para o mundo como a Colômbia que dava certo, enquanto os sucessivos episódios de narcoviolência podiam ser temporariamente esquecidos. Para verificar essa construção discursiva, analiso as matérias do jornal “El Tiempo”, com tiragens em todas as regiões do país, desde o fim de 1993 até agosto de 1994, período que compreende dois momentos cruciais: a preparação para a Copa e a eliminação precoce da competição, ainda na fase de grupos, seguida do assassinato do zagueiro Andrés Escobar.

Com o trágico acontecimento dez dias após a eliminação precoce da Copa, essa paixão nacionalista sofreu uma inflexão decisiva. Até mesmo a seleção de futebol tinha sido atingida pela violência e, por consequência, pelo narcotráfico. De uma forma ou de outra, os valores do crime triunfaram novamente. Isto é, houve um abalo na afirmação da seleção de futebol como elemento de reforço da identidade nacional.

Dessa maneira, levando em conta as abordagens de Dávila e Lodoño e outros autores colombianos e articulando com as ideias de Anderson, analiso nas matérias de jornal os discursos construídos, a partir do esporte, a respeito da presença do narcotráfico na sociedade colombiana.

Um dos grandes paradoxos que se apresentam é a elaboração de um discurso de oposição aos valores do narcotráfico em um ambiente que sabidamente coexistia e se articulava com esse mesmo narcotráfico. Historiadores do esporte colombianos que realizaram suas pesquisas nos últimos anos sustentaram com louvor teses sobre a participação do narcotráfico no futebol local desde os anos 1970, além de defenderem que na década



seguinte isso já era de conhecimento público. O próprio jornalista Fabio Castillo publicou sua clássica obra de denúncia ao narcotráfico, com um capítulo dedicado aos esportes, em 1987<sup>3</sup>.

Assim, a história da participação da Colômbia na Copa de 1994 é relevante na medida em que nos fornece indícios e propicia reflexões sobre a própria Colômbia daquela época. Nesse contexto, meses após a morte de Pablo Escobar, o país ainda estava profundamente envolvido pelos negócios e a influência dos barões da cocaína. O assassinato do jovem atleta deixou estarecido um país que, ao menos no discurso, apostava no futebol como receita para problemas de caráter social e, por conseguinte, de complexidade muito superior ao esporte em si.

---

<sup>3</sup> CASTILLO, Fabio. **Los jinetes de la cocaína**. Disponível em: <<http://www.corteidh.or.cr/tablas/19273.pdf>>. Data de acesso: 14 ago. 2018 [1987].

## 2 O NARCOTRÁFICO E O FUTEBOL

### 2.1 A INFLUÊNCIA DOS CARTEIS NOS CLUBES E NA SELEÇÃO

O jornalista Fabio Castillo, ainda em 1987, publicou uma obra de referência sobre a história e a presença do narcotráfico na sociedade colombiana em seus mais diversos âmbitos. Ele anunciava logo no prefácio: “Todos los estamentos sociales del país tienen algún muerto que llorar. Tras buena parte de ellos se encuentran el dinero y la acción misma de los traficantes de cocaína”<sup>4</sup>.

Castillo dedicou um capítulo à infiltração de seus agentes nos esportes, atrativos para os mafiosos por dois motivos: “el respaldo implícito de los fanáticos y la facilidad para lavar los dólares”<sup>5</sup>. Além de relacionar diversos chefes do tráfico aos clubes do país, também revelou ligações destes com o órgão destinado à vigilância do esporte, o Departamento Administrativo del Deporte, la Recreación, la Actividad Física y el Aprovechamiento del Tiempo Libre (COLDEPORTES):

Cuando Julio Nieto Bernal dirigió Coldeportes, le remitió a Pablo Escobar un estudio sobre la creación de una corporación que se encargara de llevar los ciclistas colombianos al Tour de France. Su director en Antioquia, Ramiro Vélez Restrepo, le había escrito en abril de 1983 al mismo narcotraficante, para felicitarlo por el techado de canchas de fútbol y basquet en Medellín, y le ofrecía en venta, a precios cómodos, implementos deportivos.<sup>6</sup>

A historiadora Paula Alvarado estudou a participação de narcotraficantes nos clubes colombianos entre as décadas de 1970 e 1980, conferindo especial atenção às relações entre o Atlético Nacional e Pablo Escobar<sup>7</sup>.

A autora se debruça sobre os casos do América de Cali, controlado pelos irmãos Miguel e Gilberto Rodríguez Orejuela, e do Millionarios, sob o comando de Gonzalo Rodríguez Gacha, “El mexicano”. Também chama a atenção para o histórico de violências cometidas contra árbitros da liga nacional sob a orientação de narcotraficantes. Alvarado cita dois episódios. Primeiro, o sequestro do antioquenho Armando Pérez, em 1988, acusado de prejudicar o Millionarios, o Atlético Nacional, o Quindío, o Pereira, o Cúcuta e o Junior. Depois, o brutal assassinato de Álvaro Ortega, no ano seguinte, dias após o juiz anular um gol que daria a vitória ao Deportivo Independiente Medellín contra o América de Cali.

---

<sup>4</sup> CASTILLO, Fabio, [1987], p. 5.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 63.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 63.

<sup>7</sup> ALVARADO, Paula Cristina Quintero. **AUTOGOL: narraciones de una patria imposible desde la relación entre fútbol y narcotráfico en Colombia**. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2017.

O Atlético Nacional é o principal estudo de caso da pesquisa, que discute a influência de Pablo Escobar no clube, assim como processos relacionados ao sucesso esportivo da agremiação. Como a base da seleção era formada principalmente por jogadores deste clube, seu papel teria consistido em elevar a representação identitária regional ao nível nacional:

La Selección Colombia fue el último paso en el escalón de su relación con el deporte que le permitió visibilizarse desde una perspectiva mucho más elaborada y por supuesto esta también se benefició de los dineros del narcotráfico que le permitieron el mejor pago para la nómina titular y suplente. Por otro lado, aunque es una conjetura un poco apresurada, es posible afirmar que parte del éxito de los jugadores de Atlético Nacional y su ascenso al fútbol a nivel de Selección tuvo que ver con el impulso que los dineros calientes le brindaron al deporte.<sup>8</sup>

Alvarado também recorda a histórica debilidade do Estado colombiano, de maneira que os narcotraficantes, entre os quais Pablo Escobar, investiram na infraestrutura de bairros populares, mediante o que fizeram crescer seu prestígio junto à população.

Entre as melhorias financiadas pelos narcotraficantes, inclui-se a construção de campos para a prática do esporte nos bairros populares. Nesse sentido, a autora aponta as relações entre os jogadores do Atlético Nacional e da seleção e Pablo Escobar, e recorre ao filme produzido pela “ESPN”, intitulado “The Two Escobars”, lançado em 2010. Nele, há imagens que revelam visitas feitas por astros da seleção à “La Catedral”, mansão construída por Escobar para ser sua prisão pessoal, assim como relatos de partidas de futebol ali realizadas pelo mafioso, nas quais ele praticava o esporte ao lado de jogadores de expressão nacional. Além disso, René Higuita ficou impedido de jogar a Copa de 1994 por ter sido preso em 1993 – o goleiro foi acusado de servir como mediador durante o sequestro da filha de um membro do esquema de lavagem de dinheiro do cartel de Medellín<sup>9</sup>.

Dessa forma, os jogadores são comparados por Alvarado aos funcionários dos carteis, os quais, assim como estes, deviam obediência ao chefe. Ainda mais ao considerar que, tendo investido nos bairros populares e seus campos de futebol, os narcotraficantes ofereceram as condições para a ascensão social propiciada aos que se tornaram profissionais empregados por grandes clubes. Estes jovens atletas, por fim, jamais se desvinculariam do narcotraficante, uma vez que, em seguida à sua captação nos campos dos bairros, já iniciavam suas carreiras nos clubes sustentados por dinheiro ilícito.

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 71.

<sup>9</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Higuita, tras las rejas por orden de Fiscalía**. Bogotá: El Tiempo [1911]-Diário, 5 jun. 1993. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-152533>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

Neste cenário, uma afirmação é inegável: o futebol colombiano se destacava tanto a nível continental – cujo ápice foi o título da Copa Libertadores conquistado pelo Atlético Nacional, em 1989, quanto a nível internacional – com a vitoriosa participação da seleção nas eliminatórias para a Copa de 1994, nos E.U.A.

Antes da Copa de 1990, na Itália, a Colômbia apenas havia jogado a edição de 1962, no Chile. Agora, alcançava logo uma dupla classificação em sequência, a qual se somaria uma terceira, em 1998, quando o torneio foi realizado na França.

Além disso, com direito a eliminar o Uruguai nas quartas de final e só cair na disputa de pênaltis na semifinal contra a Argentina, a seleção terminou em terceiro lugar na Copa América de 1993, sediada pelo Equador. Nesse ano ainda teria lugar uma histórica goleada por 5 a 0 sobre a *Albiceleste* em Buenos Aires, em partida da fase classificatória da Copa, resultado cujo significado discutiremos adiante.

O historiador Mario Toloza também investiga a ação dos narcotraficantes nos clubes colombianos desde fins dos anos 1970. Em sua interpretação, a situação econômica deficitária das agremiações colombianas, aliada à alta dos preços e salários dos jogadores argentinos após a Copa de 1986, então protagonistas do campeonato colombiano, forçou os investidores a basearem seus times em valores nacionais, o que permite deduzir que o narcotráfico foi, de maneira indireta, um aliado no processo de consolidação da seleção como uma referência de identidade nacional no país<sup>10</sup>.

Na interpretação do autor, os agentes do narcotráfico no futebol desempenharam papel central na mudança do paradigma acerca da superioridade do jogador estrangeiro em comparação ao colombiano. O narcotráfico teria contribuído na criação de uma infraestrutura que diminuía os custos de funcionamento dos clubes e, dessa forma, possibilitava maiores oportunidades aos esportistas locais.

Os *mecenas*, homens do narcotráfico que colaboravam financeiramente com os clubes, entraram no mundo do futebol quando os clubes sufocavam endividados, dependentes de bilheteria em jogos que atraíam cada vez menos públicos aos estádios. Nessa situação, a partir de fins da década de 1970, as entidades passaram a emitir ações a serem vendidas entre seus torcedores.

---

<sup>10</sup> TOLOZA, Mario Alexander Velásquez. **La influencia del narcotráfico en la nacionalización del fútbol colombiano de 1982 a 1996**. Bucaramanga: Universidad Industrial de Santander, 2013.

Es entonces, cuando personas con recientes fortunas y en busca de prestigio ante la sociedad, aparecieron y se convirtieron en una mano salvadora para dichas instituciones. A estos individuos se les dio el nombre de mecenas, pues ellos se encargaron de pagar saldos en rojo y altas sumas de dinero por jugadores, que en muchos casos no lo valían. Con esto se buscó escalar posiciones sociales, “salir del anonimato y lavar dólares”.<sup>11</sup>

No entanto, a vitória da Argentina na Copa do Mundo de 1986 elevou sensivelmente o custo para manter os jogadores do país no elenco, e muitos deles de fato jogavam a liga colombiana. Endividados e em uma conjuntura econômica desfavorável, os times e seus *mecenas* tiveram que tomar algumas medidas.

Investiram em escolas de futebol, caso do Millionarios a meados de 1982 em Bogotá e em Cartago, posteriormente se expandindo para Medellín, Tumaco e Cartagena. O Santa Fe, em 1985, contratou uma comissão técnica e garantiu campos de treinamento para seus jovens atletas que assim se qualificavam para a disputa da liga profissional. O América de Cali, por sua vez, adotava a estratégia de contratar jogadores jovens, quando seus direitos federativos eram ainda baratos.

Porém, segundo Toloza, o processo que levaria à superação do paradigma do jogador estrangeiro como superior ao colombiano teve como principal laboratório o Atlético de Medellín. O autor chama a atenção para o fato de que a guerra entre os cartéis de Medellín e Cali se manifestou no futebol através da rivalidade entre o América e o Atlético, visto que, no âmbito da disputa pelo melhor elenco, *Los Escarlatas* se apresentavam como o time com os melhores estrangeiros, ao que *Los Verdolagas* responderam com a formação de um elenco que reunia os melhores nascidos na Colômbia.

Além disso, desde 1976, com o técnico argentino Oswaldo Juan Zubeldía, o jogador colombiano começou a ter um maior protagonismo no Atlético, tendo em vista a promoção de jogadores das categorias de base. Também é importante lembrar que Francisco Maturana deu seus primeiros passos como diretor técnico no Once Caldas em um momento de crise econômica e com o imperativo de montar uma equipe modesta apenas com colombianos durante o segundo semestre de 1986. Com a classificação ao octogonal final do campeonato nacional, o treinador logrou êxito esportivo em seu primeiro trabalho baseado na promoção de jogadores das categorias de base. Entre 1987 e 1989, ele implementaria sua filosofia no Atlético e na seleção, processos que culminariam, respectivamente, com o primeiro título colombiano na história da Libertadores e a classificação para a segunda Copa da história do

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 34.

país. O sucesso esportivo só intensificou a veloz mudança no *status* do jogador e do futebol colombiano diante do mundo.

Los resultados comenzaron a verse inmediatamente, toda vez, que en 1987 obtuvieron el cuarto puesto en el campeonato profesional. Debido a estos triunfos, Maturana fue convocado para ser el técnico de la Selección Colombia y para coordinar un programa de selecciones nacionales en sus diferentes categorías. Para 1988 su ubicación en la tabla de posiciones mejoró, obteniendo el subcampeonato y con él, un cupo para la Copa Libertadores del año siguiente. Este mismo año se inició un programa encaminado a fundar escuelas de fútbol, tratando de buscar jóvenes prospectos.<sup>12</sup>

A era de grandes contratações de jogadores estrangeiros tinha ficado para trás, e no campeonato de 1991 já não era estranho constatar que três elencos da primeira divisão eram unicamente constituídos por jogadores colombianos: o Atlético Nacional, o Pereira e o Tolima.

A geração surgida nos anos 1980, considerada a maior da história da Colômbia, reunia jogadores de diferentes origens, apesar da hegemonia *verdolaga*. Entre os que disputaram as duas Copas, podemos citar o próprio Andrés Escobar e seu companheiro de zaga Luis Carlos Perea, ambos campeões da Copa Libertadores de 1989 pelo Atlético, time que também contava com o icônico goleiro René Higuita, com o volante Leonel Álvarez e com o atacante John Jairo Tréllez.

O meia armador conhecido pela qualidade no passe e pela eficiência nas assistências, maior ídolo do futebol em seu país na época, “El Pibe” Carlos Valderrama, despontou ainda no início dos anos 1980 pelo Unión Magdalena, e fez sucesso pelo Deportivo Cali antes de seguir para a Europa. No Velho Continente jogou pelo Montpellier, da França, e pelo Real Valladolid, da Espanha. Leonel Álvarez também defendeu o Real Valladolid entre 1990 e 1992, assim como o próprio Francisco Maturana.

Já o meia-atacante Freddy Rincón jogou no Santa Fe no fim dos anos 1980, no América de Cali no início da década seguinte e depois seguiu para o Brasil, país no qual conquistou o campeonato paulista e a liga nacional de 1994 com as cores do Palmeiras. Entre a Copa de 1990 e a de 1994, despontou o atacante Adolfo “El Tren” Valencia, também revelado pela equipe bogotana e primeiro sul-americano, ao lado do defensor brasileiro Jorginho, a vencer um campeonato alemão, com a camisa do Bayern de Munique na temporada 1993-1994. Esse foi também o primeiro título de um colombiano em uma liga europeia.

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 113.

Isto é, vários fatores reforçavam o otimismo do colombiano com sua seleção. A espinha dorsal da equipe era constituída por jogadores com bons padrões de desempenho e resultados desde, pelo menos, a Copa de 1990. Francisco Maturana chegava à sua segunda Copa, quando sua filosofia de jogo se encontrava firmemente consolidada. Esse time ainda foi reforçado com a ascensão de novos valores, como Faustino Asprilla, eleito 6º melhor jogador do mundo em 1993, com a camisa do Parma, da Itália<sup>13</sup>. Além disso, a experiência internacional da seleção havia crescido, afinal Maturana e alguns jogadores seguiram para o futebol europeu, como vimos.

Em outras palavras, é importante observar que a seleção que chegou à Copa de 1994 estava imbuída de uma tarefa inédita. Em geral, os autores colombianos e os artigos de “El Tiempo” convergiam nesta interpretação: tinha *status* de favorita ao lado de Brasil, Alemanha, Itália, entre outras potências do futebol, as quais, ao contrário da Colômbia, ostentavam vasto histórico de participação em torneios internacionais. Aquela geração, maior da história do país, havia amadurecido com a Copa 1990 e foi reverenciada em escala internacional por seus feitos no ano de 1993. Tudo indicava que a Colômbia subiria de patamar no futebol mundial mediante sua participação no torneio nos E.U.A. e as atenções do mundo estavam voltadas para isso em 1994.

Ao mesmo tempo, a influência do narcotráfico sobre o futebol do país não era desconhecida do grande público. A credibilidade daquela seleção dependia de sua total desvinculação do narcotráfico, tanto para o público interno quanto externo, apesar dos reconhecidos vínculos de seus agentes com o futebol nacional. De maneira simbólica, a seleção deveria representar o “melhor da Colômbia”, em oposição à imagem de um país comandado por mafiosos, que predominava na imprensa internacional. Nesse sentido, a prisão de um ídolo como Higuita demonstrou o ímpeto de blindar a seleção de quaisquer nexos com o narcotráfico.

## 2.2 O ASSASSINATO DE ANDRÉS ESCOBAR

Essa blindagem, no entanto, não suportou o fracasso esportivo. Pior, um dos principais atletas da seleção foi assassinado alguns dias após o retorno ao país. Na madrugada do dia dois de julho de 1994, o zagueiro do Atlético Nacional, Andrés Escobar Saldarriaga, foi

---

<sup>13</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Asprilla, el sexto futbolista del mundo**. Bogotá: El Tiempo [1911]-Diário, 20 dez. 1993. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-277743>>. Acesso em: 24 set. 2018.

baleado em um estacionamento nos arredores do bar “Salpicón”, em Medellín, e não resistiu. Dez dias antes, no segundo jogo da fase de grupos da Copa do Mundo contra os E.U.A, ele havia marcado um gol contra, o primeiro da derrota por 2 a 1 que eliminou o país da competição. As investigações concluíram que o autor dos disparos foi Humberto Muñoz Castro, empregado dos irmãos latifundiários Julián Santiago e Pedro David Gallón. Embora a justiça tenha considerado que não houve premeditação, alguns artigos publicados pelo jornal “El Tiempo”, na época, articularam o caso com a máfia das apostas de resultados e com o narcotráfico.

Já no dia três, o diário noticiou que Muñoz se apresentou à polícia em Medellín com a denúncia de que seu carro havia sido roubado, uma caminhonete Toyota de placa ITF 748. As autoridades então o inquiriram sobre o motivo de só ter prestado queixa a 26km da cidade de Girardota, onde, segundo sua versão, teria sido mantido refém durante várias horas<sup>14</sup>.

No dia quatro, ficou evidente que Muñoz estava tentando criar um álibi. Ele se apresentou à polícia de Girardota quatro horas após assassinato de Escobar e contou que dirigia sua Toyota 4 portas quando três homens o surpreenderam e atiraram; os assaltantes o teriam golpeado e seguido para a cidade, onde o teriam detido por seis horas. Quando as provas começaram a demonstrar que a denúncia era falsa e como as características do automóvel coincidiam com aquelas do utilizado no crime, a polícia emitiu ordem de captura contra Muñoz, que confessou a autoria do crime:

Muñoz dijo que no conocía al deportista, que no sabía que era jugador de fútbol y que disparó porque Escobar estaba discutiendo fuertemente con ellos. Las autoridades descubrieron también que Muñoz se había rasurado el bigote ese día en un intento por cambiar su fisionomía y eludir la investigación.<sup>15</sup>

As autoridades logo garantiram que o assassinato não foi premeditado, e sim a consequência de uma briga:

El esclarecimiento del asesinato permitió ratificar, según la Fiscalía, que el crimen no obedeció a un plan premeditado sino a un hecho circunstancial, afirmación que fue ratificada por el general Rodríguez, quién aseguró que no hay indicios que señalen la participación de la mafia o apostadores en la muerte de Escobar.<sup>16</sup>

As imediatas suspeitas formuladas por “El Tiempo” em relação à participação do

---

<sup>14</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Pudo tratarse de un crimen premeditado**. Bogotá: El Tiempo [1911]-Diário, 3 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-164372>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

<sup>15</sup> *Idem*. **El fin de una coartada**. 4 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-165144>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

<sup>16</sup> *Ibidem*.



narcotráfico no crime são justificáveis. Durante a década de 1980, a cocaína superou o café como principal produto da Colômbia no mercado internacional. Em 82, já representava 30% do total das exportações do país. Nas eleições daquele ano, Pablo Escobar foi eleito deputado suplente pelo Partido Liberal, em aliança com um dos mais corruptos chefes políticos colombianos da época, Alberto Santofimio.

Essa aliança se desenvolveu depois que Escobar foi expulso do “Novo Liberalismo”, fundado por Luis Carlos Galán e Rodrigo Lara Bonilla, políticos da nova geração que se opunham publicamente à crescente influência dos empresários da cocaína e, dentro do seu partido, disputavam a legitimidade com os caciques tradicionais, como Santofimio<sup>17</sup>.

Isto é, a influência do narcotráfico nas mais diversas esferas da sociedade colombiana era notória, ao menos desde os anos 1980. Para dimensionar os índices da violência no país, em 1991, 42% de todas as mortes registradas em Medellín foram ocasionadas por homicídios. Isso representou uma taxa de 325 assassinatos para cada 100 mil habitantes, cinco vezes e oito vezes mais do que Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente<sup>18</sup>.

O futebol não era menos suscetível aos interesses dos empresários da cocaína. Uma das publicações veiculadas pelo jornal “El Tiempo”, em seguida ao assassinato de Andrés Escobar, listou casos de envolvimento do narcotráfico com os clubes de futebol desde 1982<sup>19</sup>, temática analisada pelos historiadores Paula Alvarado<sup>20</sup> e Mario Toloza<sup>21</sup>.

Neste cenário, devemos recordar os êxitos esportivos da equipe colombiana, que concentrava as atenções do público. Devido a esse sucesso, é possível refletir sobre os usos do esporte mais popular do mundo na formulação de imaginários nacionais dissociados do terror cotidiano vivenciado nas maiores cidades da Colômbia.

Entre outros feitos da seleção de futebol na época, é importante destacar a vitória por 5 a 0 contra a Argentina, em 1993, em jogo válido pelas eliminatórias da Copa e realizado no Estádio Monumental de Núñez, em Buenos Aires. Vale recordar que os argentinos eram as grandes referências, em termos futebolísticos, dos colombianos. No momento em que o futebol colombiano se profissionalizou na ilegalidade, em 1948, o campeonato argentino

<sup>17</sup> HYLTON, Forrest. **A Revolução colombiana**; direção [da série] de Emília Viotti da Costa; tradução de Magda Lopes - São Paulo: Ed. UNESCO, 2010. *Revoluções do Século XX*, p. 106.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>19</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Fútbol y violencia, una larga historia**. Bogotá: El Tiempo [1911]-Diário, 3 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-164658>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

<sup>20</sup> ALVARADO, 2017.

<sup>21</sup> TOLOZA, 2013.

estava paralisado por conta de uma greve realizada pelos jogadores locais. Imobilizados contratualmente, estes estavam impossibilitados de se transferirem para outros lugares sem a anuência dos clubes. Como a liga colombiana não respondia às leis vigentes no esporte internacional, os clubes não respeitaram o vínculo estabelecido entre os jogadores e as equipes argentinas. Livres dos custos de rescisão, puderam oferecer salários e prêmios vultosos a craques argentinos do porte de Adolfo Pedernera e Alfredo Di Stéfano<sup>22</sup>. A contundente vitória sobre a Argentina, no fim do século, carregou o valor simbólico de ser também a vitória sobre o país que forneceu aos colombianos seus primeiros ídolos do futebol<sup>23</sup>.

Em meio à violência instaurada pelo narcotráfico nos mais variados âmbitos da sociedade, o êxito no futebol era representado como um alento, um contraste, uma alternativa à vida real. Entretanto, como dito anteriormente, as suspeitas em torno do envolvimento do narcotráfico com o futebol colombiano remontam ao início da década de 1980. Outro caso emblemático antes do assassinato de Andrés Escobar ocorreu em 15 de novembro de 1989, quando o árbitro Alvaro Ortega Madero foi executado após anular o gol que daria a vitória ao Deportivo Independiente Medellín contra o Club América de Cali.

As principais fontes da presente pesquisa são artigos veiculados pelo jornal "El Tiempo", que foi fundado em 1911 e é atualmente o diário de maior circulação na Colômbia. Há uma seção em seu site que disponibiliza a versão digitalizada das matérias a partir de 1990<sup>24</sup>. A imprensa colombiana, de uma maneira geral, evitou uma postura de denúncia aberta do narcotráfico na maior parte do tempo. Apenas quando as ações deste último começaram a desafiar abertamente o Estado e se registrou um aumento no número de vítimas, os meios de comunicação se detiveram no problema. O medo de represálias criava uma espécie de censura não oficial, o que deixou pouca margem para a crítica frontal aos *narcos*<sup>25</sup>.

---

<sup>22</sup> Cf. GOMES, Eduardo de Souza. **El Dorado: os efeitos do profissionalismo no futebol colombiano (1948-1951)**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

<sup>23</sup> "Los colombianos llamaron *parricidio* a esa goleada. Medio siglo antes, habían sido argentinos los padres del fútbol en Bogotá, Medellín o Cali. Pero Pedernera, Di Stéfano, Rossi, Rial, Pontoni y Moreno habían engendrado un hijo más bien brasileño, por esas cosas de la vida." Galeano, Eduardo. **Fútbol a Sol y Sombra**. Madrid: Siglo XXI Editores, 2006. 324-325 *Apud*: Alvarado, 2017.

<sup>24</sup> O acervo digital de "El Tiempo" (ou "Archivo El Tiempo") está disponível em: <<http://www.eltiempo.com/buscar>>.

<sup>25</sup> HURTADO VERA, Guido Germán; LOBATO PAZ, Luis Eduardo. **Representaciones e imaginarios sobre la violencia colombiana en la prensa nacional (1990-2004)**. Cali: Universidad Autónoma de Occidente de Cali, 2009.

Tendo isso em vista, analiso os textos produzidos pelo jornal na época. Em um primeiro momento, interpreto a construção de um ideário de nação baseado na seleção de futebol, entre 1990 e 1994, o qual apresentava ao mundo o talento do jogador nacional, assim como do vitorioso Francisco Maturana, seu treinador, em oposição à imagem de um país dominado por mafiosos. Em seguida, com a eliminação precoce da Copa e o assassinato de Andrés Escobar, identifico os impactos do duplo fracasso (esportivo e do país como um todo) sobre as representações em relação à nação Colômbia formuladas por “El Tiempo”. O fracasso esportivo é a eliminação da competição logo ao término do segundo jogo; já o fracasso nacional, de conteúdo identitário, é a trágica constatação de que a violência havia feito uma vítima até mesmo na seleção de futebol, uma das raras fontes de orgulho nacional colombiano. Dessa forma, a discussão central diz respeito a uma Colômbia tensionada e entrelaçada em vários níveis com o narcotráfico.

Um ano depois do assassinato de Andrés, Muñoz foi condenado a 43 anos de cárcere em regime fechado. A polícia confirmou que os Gallón eram os patrões de Muñoz e que estavam com ele na noite do crime. Todos fugiram do local e decidiram abandonar o veículo presente na cena do crime no intuito de formular uma falsa denúncia de roubo. Por isso os Gallón foram indiciados e condenados a 15 meses de prisão.

Para el juez, el crimen contra Escobar fue ocasional, aislado y no se espera que los Gallón vayan a cometer otro delito como la falsa denuncia y menos otro de mayor entidad. Se vio que no merecen un tratamiento penitenciario, porque no son proclives al delito , agregó.<sup>26</sup>

De fato, Juan Santiago e Pedro David Gallón Henao não tinham antecedentes criminais. No entanto, seu irmão mais velho, José Guillermo, em setembro de 1993, viu seu nome surgir em uma investigação por tráfico de drogas, a qual resultou em ordem de prisão por parte da Subdirección de Policía Judicial e Investigación (Dijin) e da Drug Enforcement Administration (DEA). Ele aparecia envolvido com Jaime García García, assinalado pela DEA desde 1979 como membro da organização liderada pelo narcotraficante hondurenho Juan Ramón Matta Ballesteros. Em outubro, García e Gallón foram detidos. Eles eram sócios em uma organização com capacidade para enviar 700kg de cocaína semanalmente para os

---

<sup>26</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Condenado a 43 años de cárcel el asesino de Andrés Escobar.** Bogotá: El Tiempo [1911]-Diário, 1 jul. 1995. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-356492>>. Acesso em: 26 out. 2018.

E.U.A. Informes adicionais também davam conta de que José Guillermo Gallón Henao era uma peça importante do cartel de Medellín<sup>27</sup>.

A busca por respostas diante do brutal assassinato de um ídolo do futebol poucos dias após a frustrante eliminação da Colômbia da Copa do Mundo de 1994 levava inevitavelmente à associação do narcotráfico com o mundo da bola no país.

Adiante, discutiremos detidamente a repercussão do crime em “El Tiempo”. Por ora, é importante destacar que a dimensão policial e jurídica do episódio na presente pesquisa é menos importante do que a reflexão sobre as construções de representações de nacionalidade relacionadas à seleção de futebol, representações estas elaboradas pelos jornalistas de “El Tiempo” na época. Isto é, no que diz respeito ao crime, importa identificar os efeitos do assassinato de Andrés sobre o processo, iniciado cerca de sete anos antes, que pode ser definido como a concretização da seleção de futebol do país como uma referência em termos de identidade nacional.

### 2.3 A SELEÇÃO DE FUTEBOL E A NAÇÃO

A história do esporte é um campo de investigação cujos objetos são as práticas corporais institucionalizadas, entendendo-as como manifestações culturais que se inserem em contextos históricos específicos. Os primeiros estudos a partir dessa perspectiva foram realizados na década de 1960, em específico nos E.U.A. e na Europa. No Brasil, desde os anos 1990, identifica-se o crescimento do número de pesquisas sobre o esporte em diversas disciplinas, como história, educação física, educação, economia, comunicação social, etc. No terreno propriamente historiográfico, a partir daquela década é notória a maior sistematização e institucionalização dos estudos e a conformação de um campo de investigação<sup>28</sup>.

Uma história do esporte vai se cruzar com muitas outras histórias: a) seja no que se refere às dimensões – política, cultural, social, econômica etc.; b) seja no que se refere às abordagens – oral, serial, análise de discurso, quantitativa, micro-história etc.; c) seja no que se refere aos recortes temporais – antiga, medieval, moderna, contemporânea, tempo presente<sup>29</sup>.

Situo a presente pesquisa na fronteira entre as áreas da história política e da história cultural do esporte. No centro da questão, importa explicitar o que a seleção de futebol representava para a nação colombiana, através do jornalismo realizado por “El Tiempo”.

<sup>27</sup> *Idem*. **Se entregó un sospechoso**. 6 jul. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-166547>>. Acesso em: 15 a. 2018.

<sup>28</sup> MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

<sup>29</sup> MELO *et al.*, 2013, p. 40-41.

Nesse sentido, analiso como a seleção de futebol se tornou fonte de orgulho nacional, apesar (e por causa) de seus vínculos com o violento (e lucrativo) narcotráfico colombiano.

A seleção que participou da Copa de 1994 entrou como uma das favoritas na competição, o que gerou alta expectativa por parte da imprensa. Victor Andrade de Melo et al<sup>30</sup>. indicam que a Copa do Mundo é um momento de intensificação dos sentimentos patrióticos, através de símbolos que são veiculados sobretudo pela imprensa. Dessa forma, a comunidade imaginada é fortalecida, no sentido empregado por Benedict Anderson para abordar o conceito de nação.

Segundo esse autor, a nação é uma comunidade política imaginada como limitada e soberana. Ela é imaginada porque se pressupõe a camaradagem entre seus membros, mesmo sabendo que nenhum deles poderá um dia conhecer sequer a maioria de seus compatriotas. Ela é limitada porque seu território é o seu alcance, e já não se imaginam nações que abarquem a totalidade dos homens. Ela é soberana porque o conceito surgiu com o Iluminismo e a Revolução Francesa, que aboliram o Antigo Regime e, com ele, o princípio da natureza divina do poder. Por fim, é imaginada como uma comunidade por ser concebida como uma rede de camaradagem horizontal, sem levar em conta as desigualdades e a exploração nela existentes<sup>31</sup>.

Do ponto de vista de Anderson, a nação e o nacionalismo são produtos culturais específicos do fim do século XVIII. No entanto, uma vez criados, esses produtos se tornaram “modulares”, “capazes de serem transplantados com diversos graus de autoconsciência para uma grande variedade de terrenos sociais, para se incorporarem e serem incorporados a uma variedade igualmente grande de constelações políticas e ideológicas.”<sup>32</sup>

Por fim, a imprensa, principal fonte da presente pesquisa, é um veículo privilegiado de construção das identidades nacionais:

Se o campo esportivo e seus ídolos são mobilizados na construção de uma imagem que cada país busca projetar, os meios de comunicação são importantes agentes de difusão, já que constituem uma audiência em escala nacional e internacional para os eventos esportivos.<sup>33</sup>

O cientista político Andrés Dávila L. e a antropóloga Catalina Lodoño chamam a atenção para a carência de símbolos, instituições e ídolos que sustentem a criação de

---

<sup>30</sup> MELO *et al.*, 2013.

<sup>31</sup> ANDERSON, 2008.

<sup>32</sup> *Ibidem*, 2008, p. 30.

<sup>33</sup> MELO *et al.*, 2013, p. 119.

identidades coletivas na Colômbia, o que dificultaria a construção de uma identidade nacional. Segundo eles, a partir de meados dos anos 1980, a seleção de futebol colombiana preencheu parte desse vazio, ao se configurar como referência e mobilizar todo o país, sendo um dos poucos espaços de integração em meio às suas divisões regionais e aos seus conflitos sociais e políticos. Além disso, os êxitos dentro das quatro linhas foram muitas vezes interpretados como alentos diante da escalada da violência relacionada ao narcotráfico<sup>34</sup>.

Os autores enumeram características históricas do futebol colombiano desde sua profissionalização, em 1948, até meados dos anos 1980, quando tem vez uma inflexão decisiva.

Em primeiro lugar, a estreia do campeonato profissional de futebol no país, em 1948, ocorreu no ano do assassinato do líder popular Jorge Eliécer Gaitán e foi produzido como reação ao “Bogotazo”, um dos levantamentos populares de maior envergadura da história latino-americana<sup>35</sup>. Dessa forma, “el fútbol, con su fuerza envolvente y su capacidad para inmiscuirse en la vida de las sociedades, se convirtió a la vez en espejo y reflejo, alternativa y diferencia, receptáculo y propuesta para esa sociedad atravesada por un conflicto que la desangra y la engegece.”<sup>36</sup> Na década de 1990, como veremos ao longo da pesquisa, o futebol também pode ser entendido como alternativa e proposta aos olhos de uma sociedade atravessada pela violência.

Em segundo lugar, a profissionalização do esporte não se concentrou na capital, o que confirma que a Colômbia é um país fraturado em regiões e cidades. Nesse sentido, o torneio nacional serviu para a integração mediante a inimizade simbólica, com o reconhecimento de formas de vida e estilos de jogo regionais, como dos *paisas*, dos *vallunos*, dos *costeños*, dos *santandereanos* e dos *capitalinos*.

---

<sup>34</sup> DÁVILA L., Andrés; LODOÑO, Catalina. **La nación bajo un uniforme: Fútbol e identidad nacional en Colombia, 1985-2000**. In: ALABARCES, Pablo (org.). **Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

<sup>35</sup> Quando a imprensa começou a veicular a notícia do assassinato do líder liberal Jorge Eliécer Gaitán, em 9 de abril de 1948, a população em fúria protagonizou uma revolta sociopolítica conhecida como “Bogotazo”. Na capital, lojas foram saqueadas e prédios governamentais incendiados, assim como igrejas e sedes de jornais conservadores. Os seguidores de Gaitán, principalmente estudantes e intelectuais da Universidade Nacional, fizeram chamados pela organização de juntas revolucionárias em todo país. Logo, a insurreição urbana afetou as províncias, e o apelo pela formação de grupos gaitanistas foi atendido também por sindicalistas e artesãos das cidades. Forrest Hylton assim descreveu o cenário: “Os perseguidos converteram-se em poderosos, os prisioneiros executavam os guardas, a polícia se colocou ao lado do povo gaitanista, os camponeses passaram a roubar gado e a tomar terras, e os trabalhadores do petróleo ocuparam a refinaria de Barrancabermeja. Os insurgentes falavam de uma nova ordem revolucionária respaldada por milícias populares.” (HYLTON, 2010, p. 73-74)

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 131.

Em terceiro lugar, o futebol colombiano se vê historicamente às voltas da ilegalidade. O primeiro campeonato nacional profissional não foi reconhecido pela FIFA, o que barateou para os clubes os custos dispendidos na contratação de jogadores. Nesse mesmo momento, o campeonato argentino estava paralisado devido a uma greve dos jogadores. Assim, craques do porte de Adolfo Pedernera, Néstor Raúl Rossi e Alfredo Di Stéfano se tornaram os primeiros ídolos do futebol no país. Já na década de 1980, com o auge da influência do narcotráfico sobre o futebol, os clubes realizaram grandes transferências que omitiam a lavagem do dinheiro ilegal proveniente do mercado de drogas.

Em quarto e quinto lugar, o futebol local era repleto de “forasteiros”, com grandes recursos direcionados à contratação de renomados estrangeiros e pouca atenção conferida às categorias de base e ao desenvolvimento do jogador colombiano, o que, por consequência, impedia que as seleções nacionais obtivessem êxitos e, assim, algum reconhecimento por parte do público interno ou externo. Para Dávila e Lodoño, a partir da década de 1980, há uma inflexão neste último traço característico do futebol colombiano.

Por um lado, a irrupção do dinheiro proveniente do narcotráfico possibilitou uma margem econômica confortável para as operações dos clubes. Por outro lado, Francisco Maturana, uma vez nomeado diretor técnico da seleção principal em abril de 1987, propôs um estilo de jogo que agradou o grande público e que já trazia consigo implicações de cunho identitário:

Detrás de Maturana se pudo experimentar con una propuesta que paradójicamente poco tenía que ver con los valores y principios del narcotráfico, pues se hacía mucho énfasis en que lo importante era jugar, divertirse, ser buenas personas, hombres íntegros, un grupo de amigos y, en la cancha, imponer las condiciones a partir de los rasgos técnicos y tácticos que mejor se adaptaban al futbolista colombiano, a sus posibilidades y sus condiciones futbolísticas y personales.<sup>37</sup>

Assim, a partir da Copa América de 1987, se configurou o que ficou depois conhecido como o "Processo": a constituição de uma seleção de futebol colombiana que pela primeira vez conseguia grandes feitos esportivos e atraía a atenção da população como um todo e, com o passar dos anos, da imprensa e dos torcedores no mundo todo. Ou seja, essa nova condição direcionava as atenções não apenas para o sucesso esportivo colombiano,

sino que permitiría con mayor amplitud, extensión, profundidad y contradicciones, generar discursos de nación y referentes de identidad nacional, instancias de reconocimiento colectivo, experiencias de comunidad imaginada, que antes no

---

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 134.

habían conseguido transcurrir por el fútbol colombiano, la Selección de Colombia y sus jugadores.<sup>38</sup>

A questão da nacionalidade articulada com a seleção de futebol é o eixo central desta pesquisa, pois queremos explicitar em quais termos um veículo de amplitude nacional formulou uma imagem da Colômbia a partir daquela equipe e por quais contingentes históricos foi possível que ela se consolidasse como elemento de união em um país, como vimos, carente de símbolos de identidade coletiva.

Ou seja, nos interessa estudar as associações feitas por “El Tiempo” entre a seleção e a ideia de nação colombiana. Para tanto, analisaremos as publicações do período anterior à Copa de 1994, quando o otimismo em torno da participação da equipe era dominante. Depois, as atenções se voltarão para a precoce eliminação após duas derrotas, seguida do assassinato de Andrés e, por consequência, uma total transformação do antigo discurso em crítica e denúncia da presença do narcotráfico e sua ação deletéria para a sociedade e seus valores.

---

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 135.



### 3 A SELEÇÃO NA COPA DE 1994 EM “EL TIEMPO”

#### 3.1 O JORNAL “EL TIEMPO”

A discussão bibliográfica feita até aqui aponta para o sucesso do futebol colombiano no período compreendido entre 1987 e 1994. Ao mesmo tempo, deixa claro o papel do narcotráfico não apenas no financiamento dos clubes, como em sua política de investimentos nas categorias de base. Por meio da revelação de jovens jogadores, os clubes forneciam matéria prima para o sucesso da seleção de futebol no cenário internacional. O bom momento também passava pela ascensão de Francisco Maturana com sua filosofia de jogo ofensiva e até irreverente, a qual, como vimos, trazia em si uma série de valores que passavam ao largo (alguns até se opunham) da realidade violenta que o narcotráfico infligia à sociedade: as ideias de se divertir jogando, da honestidade e integridade, etc.

Diante do paradoxo da presença do narcotráfico nas estruturas do futebol colombiano e a narrativa em torno de uma seleção antítese da ordem de coisas baseada na violência dos carteis, a atenção da presente pesquisa se volta para a elaboração de discursos de nacionalidade relacionados à seleção em sua preparação para a Copa ao longo de 1994. Depois de investigar como a seleção foi apresentada à população e mobilizada no sentido de fortalecer a comunidade imaginada colombiana, iremos interpretar a precoce eliminação seguida do trágico assassinato de Andrés Escobar em termos da reformulação crítica da ideia de nação que se vinha produzindo, em um momento marcado pelo *boom* de memórias sobre episódios de violência no futebol a mando de narcotraficantes.

Como dito anteriormente, o jornal “El Tiempo” é a principal fonte da presente pesquisa. No tratamento dos artigos, levo em consideração a análise dos cientistas sociais Hurtado Vera e Lobato Paz, em sua pesquisa acerca das representações e imaginários sobre a violência construídas pela imprensa colombiana entre 1990 e 2004<sup>39</sup>. A despeito da ascensão dos *narcos* na cena pública nacional nos anos 1980, sobretudo com base em Medellín e Bogotá, os meios de comunicação não vislumbraram os efeitos desse fenômeno a médio e longo prazo.

Com a intensificação da violência, que inclui o assassinato do diretor do jornal “El Espectador”, Guillermo Cano Isaza, em 1986, o temor passou a ser um difícil obstáculo para a denúncia e análise do que ocorria no país. Em situações limites, entretanto, as vozes críticas

---

<sup>39</sup> HURTADO VERA, 2009.

ganhavam mais força. Em 1990, Francisco Santos, um membro da família proprietária de “El Tiempo”, foi sequestrado. Desde o dia em que foi levado, abriu-se um espaço no jornal para que se registrasse o número de dias da retenção, e também outra seção para que personagens da vida política, esportiva e cultural alentassem a família Santos. O jornal nunca antes havia tido tais atitudes ante um sequestrado.

Em linhas gerais, os textos jornalísticos que abordaram o tema do narcotráfico na sociedade colombiana evitaram a crítica direta enquanto foi possível, devido o medo em relação à represália. Por outro lado, em casos que envolviam personagens importantes da vida nacional, uma brecha se abria para interpretações menos temerosas.

### 3.2 O HISTÓRICO ANO DE 1993

Ao longo de 1993, a Colômbia disputou 18 jogos oficiais, entre amistosos, Copa América no Equador e Eliminatórias da Copa, que naquele tempo era um torneio curto, com duração de um mês. Nestas partidas, venceu três amistosos e empatou outros três. Na Copa América, venceu duas partidas e empatou quatro, terminando com uma vitória por 1 a 0 sobre os donos da casa na disputa pelo terceiro lugar, após eliminar o Uruguai nas quartas e ser derrotada pela Argentina nas semifinais, ambos os casos após disputa de pênaltis. Já nas eliminatórias, a Colômbia derrotou a Argentina e o Peru nos dois turnos e empatou com o Paraguai também na ida e na volta. Dessa forma, classificou-se invicta para a Copa em primeiro lugar do grupo A e, de quebra, com a histórica vitória por 5 a 0 em 5 de setembro, em jogo válido pela última rodada do certame, forçou a Argentina a jogar a repescagem. A *Albiceleste*, no entanto, eliminou a Austrália e se garantiu na Copa nos E.U.A.

O ano de 1993 foi, em outras palavras, a coroação daquilo a que anteriormente nos referimos como o “Processo”, visto que os bons resultados e o bom futebol da seleção colombiana atraíam a atenção da imprensa internacional como nunca antes. Entre dezembro de 1993 e janeiro de 1994, três artigos veiculados por “El Tiempo” abordam as condecorações dadas pela FIFA à equipe.

Colombia, uno de los equipos finalistas en la próxima Copa Mundial, fue nombrado hoy el equipo de mayor perfección en 1993 por la Federación Internacional de Fútbol Asociado (FIFA), una proeza lograda parcialmente por sus dos triunfos sobre Argentina. Colombia subió al puesto 21 (escaló 14 lugares) en las posiciones mundiales de la FIFA, en una carrera de 19 partidos sin una derrota en la que,

ayudado por su destacado triunfo 5-0 sobre Argentina en Buenos Aires durante la ronda clasificatoria por el mundial, fácilmente se hizo acreedor al título.<sup>40</sup>

“La selección de fútbol de Alemania ha sido nombrada mejor equipo nacional del año y la de Colombia equipo revelación, según un comunicado facilitado este jueves por la Federación Internacional de Asociaciones de Fútbol (FIFA).”<sup>41</sup>

Una muy buena noticia: la Federación Internacional de Fútbol Asociado (FIFA) dijo ayer que la mejor selección del mundo en el 93 fue la de Colombia. Sin duda, un honor que no solo por primera vez recae en el balompié nacional, sino que muy pocos países han obtenido.<sup>42</sup>

A equipe de “melhor desempenho”, a “equipe revelação” ou “a melhor seleção do mundo em 93”: assim a FIFA avalizava o sucesso da seleção de futebol da Colômbia que, a partir de fins de janeiro, iniciaria sua preparação em vista a disputa da Copa em julho nos E.U.A. Por isso, muitos nomes influentes na cena futebolística opinaram sobre a seleção colombiana e comentaram sua expectativa em relação à participação da equipe no torneio.

Romário, que naquele torneio seria campeão formando uma histórica dupla de ataque com Bebeto na seleção brasileira, incluiu a Colômbia ao lado da Alemanha e do Brasil como favoritos para a Copa. Segundo ele, enquanto a equipe europeia tinha a tradição a seu favor e o Brasil uma equipe forte, o futebol colombiano era o que mais havia evoluído em tempos recentes<sup>43</sup>.

Rivelino foi outro que elogiou o bom toque de bola da seleção colombiana, enalteceu a histórica goleada sobre a Argentina, valorizou a manutenção da base e do estilo de jogo na seleção entre a Copa da Itália e a que se aproximava. Afirmou ainda que a Colômbia era uma firme favorita ao título<sup>44</sup>. Até o “rei do futebol”, Pelé, apostou no título da Colômbia e disse, às vésperas da Copa, que o país tinha a melhor equipe do mundo no momento<sup>45</sup>. Também os treinadores Arrigo Sacchi, da Itália, e César Luis Menotti, argentino campeão em casa em 1978, falaram sobre a Colômbia. O primeiro apostou na equipe como potencial surpresa ao

<sup>40</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Colombia fue la perfección**. Bogotá: El Tiempo [1911]-Diário, 20 dez. 1993. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-277746>>. Acesso em: 24 set. 2018.

<sup>41</sup> *Idem*. **Colombia fue el equipo revelación, según FIFA**. 24 dez. 1993. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-279467>>. Acesso em: 24 set. 2018.

<sup>42</sup> *Idem*. **El fútbol colombiano, el mejor del 93**. 19 jan. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-17740>>. Acesso em: 25 set. 2018.

<sup>43</sup> *Ibidem*.

<sup>44</sup> ORTEGA, Eliecer. **El fútbol no ha progresado**. *Ibidem*, 11 jan. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-17740>>. Acesso em: 25 set. 2018.

<sup>45</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Colombia tiene el mejor equipo del mundo**. *Ibidem*, 10 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-148015>>. Acesso em: 5 out. 2018.

lado da Noruega. Já Menotti teceu elogios ao esquema tático e ao espírito do time comandado por Maturana:

El entrenador argentino César Luis Menotti colmó de elogios a la selección colombiana de fútbol y tomó al equipo de Francisco Maturana como ejemplo de un sistema en el que la estética del juego está muy por encima de los resultados.

Colombia jugará mal y le ganarán partidos, pero lo que nunca va a perder es lo que tenía Brasil hasta 1986: el orgullo de representar con dignidad el sentimiento de su gente [...]

Añadió que Colombia obtuvo lo que es más difícil, que es respeto y reconocimiento en el mundo y eso lo consiguió también Holanda sin haber ganado ningún título.<sup>46</sup>

Os jogadores colombianos também eram admirados por personagens destacados do futebol mundial. O francês Michael Platini, por exemplo,

no dudó en afirmar que la Selección de Colombia puede sorprender en el mundial, pues tiene a Asprilla, el más fuerte jugador del mundo, ahora que Marco Van Basten y Diego Armando Maradona no son los mismos, y que inventa cinco ocasiones de gol en cada partido.<sup>47</sup>

No prêmio de melhor jogador do mundo de 1993, Faustino Asprilla, jogador do Parma, da Itália, ficou na sexta posição<sup>48</sup>. Treinador de Adolfo “El Tren” Valencia no Bayern, Franz Beckembauer, em sua aposta, cravou a Colômbia como semifinalista da Copa e disse que seu comandado poderia ser o destaque do torneio<sup>49</sup>.

Em 19 de dezembro de 1993, a FIFA realizou, no Centro de Convenções de Las Vegas, o sorteio dos seis grupos entre os quais se distribuíram as 24 seleções na XV Copa do Mundo. Como cabeça de chave do grupo da Colômbia, foi sorteada a equipe anfitriã, o que foi relativizado pelo fato de ser o time mais frágil entre todos os seis que compunham o pote um. A seleção colombiana estava no pote dois. Do terceiro, foi sorteada a Romênia, partida de estreia e equipe considerada ao longo de toda a preparação a maior ameaça. No último pote, outra seleção europeia de porte intermediário: a Suíça<sup>50</sup>.

Em meio ao clima de reconhecimento da qualidade dos jogadores e da seleção colombiana no cenário internacional, graças a grande campanha de 1993 e o histórico recente

<sup>46</sup> *Idem*. **Nos pagan para divertir a la gente**. 11 jan. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-11466>>. Acesso em: 24 set. 2018.

<sup>47</sup> *Idem*. **Asprilla es el ídolo de Platini**. 26 mar. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-85756>>. Acesso em: 4 out. 2018.

<sup>48</sup> *Idem*. **Asprilla, el sexto futbolista del mundo**. 20 dez. 1993. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-277743>>. Acesso em: 24 set. 2018.

<sup>49</sup> BECKEMBAUER, Franckz. **A Colombia lo veo semifinalista**. *Ibidem*, 30 mai. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-140037>>. Acesso em: 5 out. 2018.

<sup>50</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Frente a Rumania, el debut de Colombia**. *Ibidem*, 20 dez. 1993. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-277439>>. Acesso em: 24 set. 2018.

de evolução do futebol do país, a imprensa alimentou a expectativa em torno da participação na Copa, ao analisar os desafios que a tabela impunha:

Y aunque en la disputa de la Copa Mundo ningún encuentro es fácil, parece que la suerte estuvo de nuestro lado. Porque Colombia no enfrentará en la primera ronda a ningún equipo de un historial preocupante. Claro que la selección nacional enfrenta al anfitrión, y por lo general eso despierta respeto y algo de prevención, aunque en los campeonatos del mundo esto está superado. Y más si el encuentro es ante el Tío Sam, cuyos muchachos no han logrado una técnica avanzada pero son respetuosos, juegan limpio y saben perder con honor. Así son ellos.<sup>51</sup>

Como característico em publicações do porte de “El Tiempo”, entre as festas de fim de ano, muitos artigos realizaram balanços sobre o futebol colombiano no ano de 1993, em textos que atestam o otimismo em torno da evolução da seleção e de sua participação no torneio ecumênico. O jornalista Jorge Barraza, por exemplo, não tem dúvida em situar os 5 a 0 no Monumental de Núñez na mesma prateleira de feitos esportivos como o “Maracanazo” e a vitória da Coreia do Norte sobre a Itália na Copa de 1966. Como diz o autor, “Cuando pasen los años, el 5 de septiembre de 1993 irá entrando en la mitología del fútbol”, afinal “Dentro de 50 años se hablará de aquella tarde” da mesma forma que se fala dos outros grandes momentos da história do futebol mundial<sup>52</sup>. Nesse sentido, fica clara a importância do resultado na afirmação do nacionalismo, do orgulho de ser colombiano, sentimentos que passaram a ser expressos através da seleção de futebol.

### 3.3 O CICLO DE PREPARAÇÃO PARA A COPA DE 1994

De janeiro a junho de 1994, a seleção colombiana realizou 21 jogos preparatórios, entre amistosos contra seleções, clubes europeus ou sul-americanos e combinados internacionais<sup>53</sup>. Venceu 14 partidas, empatou outras 6 e só perdeu uma vez. A fim de seguir analisando as manifestações de viés nacionalista por meio da seleção de futebol, veremos agora como “El Tiempo” tratou a equipe nesse intervalo. Primeiro, em artigos publicados às vésperas e após os compromissos; outro conjunto de artigos do jornal faz referência ao desempenho dos jogadores da seleção que atuavam no estrangeiro, em uma seção sugestivamente intitulada “Los embajadores”.

<sup>51</sup> *Idem. Gol de Colombia*. 21 dez. 1993. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-277790>>. Acesso em: 24 set. 2018.

<sup>52</sup> BARRAZA, Jorge. *Colombia fijó una leyenda*. *Ibidem*, 3 jan. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-5535>>. Acesso em: 24 set. 2018.

<sup>53</sup> Cf. LA VIDEOTECA TRICOLOR. *Amistosos de Colombia previo al Mundial 1994*. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7dpSmLYbFts>>. Acesso em: 5 out. 2018.

Por meio de diferentes recursos, os textos desse período confirmam o novo *status* da Colômbia na cena futebolística internacional, reforçam o otimismo em torno da preparação para a competição internacional e enaltecem os ídolos do esporte no país. De diferentes maneiras, algumas vezes mais e outras menos explicitamente, a seleção serviu como instrumento de afirmação de uma Colômbia que dava certo. Isto é, enquanto a Colômbia era, em geral, associada à violência e ao narcotráfico pela imprensa internacional, a seleção de futebol do país desfilava bom futebol, organização tática e eficiência pelos gramados do mundo.

Ao noticiar o planejamento dos amistosos e treinos que antecederam a participação da Colômbia na Copa, ainda em fevereiro, “El Tiempo” previa que “Jamás en la historia del fútbol colombiana un combinado había sostenido una preparación de tal magnitud”<sup>54</sup>. Naquele momento, tinha-se em vista a realização de vinte e cinco partidas, em uma trajetória por três continentes (América, Europa e Ásia). Por fim, a conta fechou em 21 jogos, disputados entre 28 de janeiro, quando venceu a Venezuela por 2 a 1 em Barinas<sup>55</sup>, e 13 de junho, dia em que a seleção se despediu de sua torcida também com vitória por 2 a 0 sobre o Palmeiras multicampeão treinado por Vanderlei Luxemburgo<sup>56</sup>.

Meses antes disso, logo após a vitória inaugural, a turnê da seleção teve uma passagem pela Arábia Saudita, em fevereiro, quando nos dias 7 e 9 empatou e venceu a seleção local na cidade de Jedá, litoral do Mar Vermelho. Ali, Francisco Maturana recebeu os elogios do sultão, filho do rei e presidente da Federação de Futebol do país, Bin Fahd Bin, a quem “encantaría tener futbolistas colombianos en el torneo profesional que se disputa aquí”<sup>57</sup>. Na mesma matéria, episódios anedóticos demonstram o quão longe chegou o nome da seleção e dos jogadores da seleção colombiana naquela época.

---

<sup>54</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Más de 25 juegos para la selección.** Bogotá: El Tiempo [1911]-Diário, 12 fev. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-40464>>. Acesso em: 25 set. 2018.

<sup>55</sup> BLANCO P., German. **Apenas destellos de la sinfonía.** *Ibidem*, 29 jan. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-27023>>. Acesso em: 25 set. 2018.

<sup>56</sup> GONZALEZ., Carlos Eduardo. **Dos golazos de Rincón, la mejor despedida.** *Ibidem*, 13 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-149344>>. Acesso em: 6 out. 2018.

<sup>57</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Soy Ismael: Colombia es la mejor del mundo.** *Ibidem*, 7 fev. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-34874>>. Acesso em: 25 set. 2018.

Um assistente do técnico da seleção árabe se encontrou com Maturana no hotel e lhe disse que apostava na Colômbia como semifinalista da Copa e que, caso isso não ocorresse, “me retiro porque entonces yo no sé de fútbol.”<sup>58</sup>

Em outra passagem, um homem de aspecto árabe, mas sem os trajes típicos do país, se dirigiu a Maturana e “Le confesó que es un hincha furibundo de la Selección Colombia y que había viajado algo así como 1.400 kilómetros desde su país hasta esta ciudad para presenciar los dos partidos ante Arabia en Jeddah”<sup>59</sup>. Ele vinha do Kwait e tinha assistido no Qatar pela TV a vitória por 5 a 0 sobre a Argentina no ano anterior.

Por fim, um homem ficou à espera dos jogadores colombianos no restaurante do hotel em que estavam hospedados. Ele era libanês e conversou em inglês com John Jairo Tréllez, a quem explicou que, ao saber da presença da seleção colombiana na Arábia, ligou para todos os hotéis a fim de descobrir onde estavam os jogadores, aos quais queria pedir autógrafos para agradar seu filho, pois “aunque a mí poco me gusta el fútbol, sí estoy seguro de que mi hijo se sentirá feliz con este regalo”<sup>60</sup>.

O artigo de “El Tiempo” encerra com admiração: “Que al fútbol colombiano lo elogien en Europa o Suramérica es bueno. Pero que su fama ya se encuentre esparcida por países tan lejanos como estos, emociona.”<sup>61</sup>

O jogador mais renomado na seleção da Colômbia era Carlos “El Pibe” Valderrama. Aos 33 anos, o homem dos passes e lançamentos decisivos liderava aquela geração desde o início do “Processo”, na Copa América de 1987. Para ele, o ano de 1993 não foi menos vitorioso do que para a Seleção, na qual era o capitão e foi destaque nos torneios sul-americanos, em especial na histórica vitória sobre a Argentina. Valderrama venceu o campeonato colombiano com a camisa do Junior Barranquilla e recebeu pela segunda vez a distinção de melhor jogador da América do Sul<sup>62</sup>.

Na quinta jornada da série preparatória de amistosos, a Colômbia enfrentou a Suécia, em fevereiro, em jogo marcado pela lesão do camisa dez. A quatro meses do início da Copa, logo surgiu o temor em relação à sua presença no torneio, o que foi visto de maneira

---

<sup>58</sup> *Ibidem.*

<sup>59</sup> *Ibidem.*

<sup>60</sup> *Ibidem.*

<sup>61</sup> *Ibidem.*

<sup>62</sup> *Idem. El Pibe y Maturana, los mejores de América.* 2 jan. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-6510>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

preocupante pelo diário, para quem a função exercida pelo jogador só era apta a ele próprio, pois nenhum outro reunia as habilidades necessárias para liderar a equipe<sup>63</sup>.

De certa forma, “El Pibe” seria insubstituível em todos os níveis, segundo diziam os comentaristas esportivos: “no hay, por el momento, un jugador de esas características, con la claridad mental, con el liderazgo que representa el samario”<sup>64</sup>. “Cuando El Pibe está en la cancha, su movilidad en función de desmarcación sirve para desahogar a la defensa y a sus compañeros de la línea media y se convierte en el mejor asistente de los hombres de ataque.”<sup>65</sup>

É possível perceber que, assentado no sucesso profissional da atleta, ele se tornou um ídolo, a quem cabia ser o regente da maior seleção da história do futebol colombiano. Por ocasião da premiação de esportista do ano Acord-Postobón 1993, um evento de gala presidido pelo próprio chefe de Estado, o presidente César Gaviria Valderrama foi saudado não apenas por sua qualidade futebolística, mas como “magnífico ejemplo para la juventud”, “por su calidad humana, disciplina y alto grado de deportivismo”<sup>66</sup>.

Depois de submetido a exames, ficou decidido que o jogador seria submetido a artroscopia e por isso ficaria apenas de 3 a 4 semanas parado, o que, para alívio geral, significava que a lesão não tinha tirado da Colômbia seu principal jogador no torneio mais importante da história do futebol nacional até então<sup>67</sup>. A preocupação com o jogador era tão grande que, tempos depois, quando se preparava para retornar aos gramados com a camisa do Junior Barraquilla, em um jogo válido pela Libertadores, o próprio presidente da república pediu para ele não se precipitasse em sua recuperação física<sup>68</sup>.

O episódio ratificou a importância do jogador tanto fora quanto dentro de campo, o que novamente deixava clara a afirmação de uma identidade nacional, através do futebol, que refutava os valores do narcotráfico. Por isso, gerou polêmica a reação do jogador, que revidou com uma entrada ríspida o carrinho que acarretou em sua lesão dado por um jogador sueco.

<sup>63</sup> BLANCO P., German. **Lesionado Valderrama...** *Ibidem*, 19 fev. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-48689>>. Acesso em: 26 set. 2018.

<sup>64</sup> *Ibidem*.

<sup>65</sup> MUÑOZ, Wbeimar, German. **Colombia con el Pibe y... Sin él.** *Ibidem*, 22 fev. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-50975>>. Acesso em: 3 out. 2018.

<sup>66</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Este premio es de todos ustedes.** *Ibidem*, 19 jan. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-17562>>. Acesso em: 25 set. 2018.

<sup>67</sup> *Idem*. **Así fue la noche aciaga del Pibe.** 20 fev. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-49266>>. Acesso em: 3 out. 2018.

<sup>68</sup> *Idem*. **Lo mio es jugar y punto, Valderrama.** 15 abr. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-103139>>. Acesso em: 4 out. 2018.



Assim, Valderrama foi expulso ainda no primeiro tempo. Sua atitude foi criticada por ser uma liderança cada vez mais marcada e provocada pelos adversários. Como disse o próprio Maturana a esse respeito: “Uno tiene que ser figura para todo...”<sup>69</sup>

O treinador colombiano, por sinal, foi outro símbolo daquela Seleção e seu nome era especulado em equipes europeias do primeiro escalão, algo inédito para um colombiano até então. A Copa da Itália já tinha elevado o nome de Maturana a outro patamar, visto que entre 1990 e 1992 ele foi o comandante do Real Valladolid, da Espanha, onde também estiveram Valderrama e Leonel Álvarez. Ainda em janeiro de 1994, “El Tiempo” repercutiu matérias do italiano “La Gazzeta dello Sport” e do espanhol “EFE” acerca dos interesses do Milan e do Real Madri em contratá-lo após a Copa, quando também se encerraria seu contrato com o América de Cali<sup>70</sup>.

O reconhecimento internacional do futebol colombiano, portanto, incluía também seu “ideólogo”, como o chamam os cientistas sociais Dávila e Lodoño. Um artigo ainda mais interessante a respeito da atração exercida pelo treinador na época trazia o seguinte título: “Maturana está de moda en Europa”<sup>71</sup>. O jornalista German Blanco P. descreve a capa do diário esportivo AS da Espanha, que estampava uma foto do treinador e os dizeres: “Maturana, dispuesto a estudiar una oferta del Madrid”<sup>72</sup>. A matéria apontava fortes indícios de que ele fecharia com o Real Madri, devido o seu desejo de trabalhar na Europa após a Copa aliado a vontade do presidente da equipe merengue, aconselhado pelo técnico italiano Arrigo Sacchi, de contratar o sul-americano para comandar os madridistas na temporada 1994-1995.

Pouco antes do início da Copa, em 1º de junho, “El Tiempo” anunciou que Maturana, por fim, tinha fechado contrato com o Atlético de Madri. Apesar de ser uma equipe de segundo escalão do futebol espanhol, a simples presença do técnico na Europa foi enaltecida pelo jornal, o que reforça, de novo, a importância de “mostrar ao mundo” os grandes valores e habilidades de um colombiano que nenhum vínculo tinha com o narcotráfico<sup>73</sup>.

<sup>69</sup> *Idem*. **Así fue la noche aciaga del Pibe**. 20 fev. 1994. Disponível em:

<<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-49266>>. Acesso em: 3 out. 2018.

<sup>70</sup> *Idem*. **Maturana volvió a sonar en Europa**. 13 jan. 1994. Disponível em:

<<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-13097>>. Acesso em: 24 set. 2018.

<sup>71</sup> BLANCO P., German. **Maturana está de moda en Europa**. *Ibidem*, 13 fev. 1994. Disponível em:

<<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-41519>>. Acesso em: 25 set. 2018.

<sup>72</sup> *Ibidem*.

<sup>73</sup> PIZANO, Daniel Samper. **Maturana, al Atlético de Madrid**. *Ibidem*, 1 jun. 1994. Disponível em:

<<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-140895>>. Acesso em: 5 out. 2018.

Vale destacar que o estilo de jogo implementado por Maturana, primeiro no Atlético e depois na Seleção, seguia a contramão das tendências táticas da época. A Copa de 1990 foi considerada por muitos especialistas como a pior edição do torneio no que diz respeito à dimensão técnica. Havia triunfado estilos de jogo baseados em sólidos sistemas defensivos, com pelo menos um volante cuja função se limitava à contenção, de forma a recuperar a bola e iniciar contra-ataques. Nessa ótica, podemos entender porque a Copa da Itália terminou com baixos índices ofensivos<sup>74</sup>.

Em entrevista concedida a “El Tiempo”, Rivellino disse que o futebol não havia progredido em termos táticos em tempos recentes e apresentou sua análise da conjuntura de então: “Lo que sí se ha perdido es el fútbol espectáculo, los jugadores creativos [...] son pocos, y eso ha convertido al fútbol del momento en un juego de choque y no de talento.”<sup>75</sup> A seleção brasileira daquele ano, por sinal, contava uma excelente dupla de ataque formada por Bebeto e Romário e também com dois volantes de características defensivas, Dunga e Moacir. Entretanto, o ex-jogador ressaltava a falta de um camisa 10 clássico, capaz de cumprir no Brasil o papel desempenhado por Valderrama na Colômbia.

Nesse sentido, o treinador da seleção italiana, Arrigo Sacchi, um dos que apontavam a Colômbia como uma das possíveis surpresas da Copa, defendia que o torneio nos E.U.A. seria decidido nos seguintes termos: “Más que entre equipos que practican la zona y los que tienen esquemas individuales, la diferencia estará entre los que desean jugar, es decir, imponer su propio juego, y los que se contenten con aprovechar los errores de los otros.”<sup>76</sup>

A Colômbia de Maturana era admirada precisamente por manter a posse de bola, propondo o jogo e evitando o paradigma reativo então prevalecente no cenário internacional. Rivellino reverenciou essa característica da equipe: “A mi lo que más me gusta de la

---

<sup>74</sup> Cf. FRANCO JUNIOR, Hilário. **Dando tratos à bola**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 63: “A Copa da Itália, como um todo, foi das mais fracas tecnicamente. E violenta, apesar de a Fifa ter instituído pela primeira vez pesadas multas para atletas punidos com cartão. A partida decisiva teve apenas um gol, de pênalti, enquanto nas treze edições anteriores o placar mais magro tinha sido de dois gols (em 1978). Em todas as outras, o placar foi mexido três (1934, 1950, 1974), quatro (1962, 1966, 1982), cinco (1954, 1970, 1986), seis (1930, 1938) e até mesmo sete vezes (1958). Não por acaso, logo após a Copa de 1990, a Fifa alterou a lei do impedimento, permitindo ao atacante estar na mesma linha do adversário. E anunciou que a partir de 1994 haveria três representantes africanos na Copa. [...] O dado novo que estimulou a Fifa foi a esperança de que o futebol solto e ofensivo dos africanos reintroduzisse o espetáculo, como tinha feito Camarões.”

<sup>75</sup> ORTEGA, Eliecer. **El fútbol no ha progresado**. Bogotá: El Tiempo [1911]-Diário, 11 jan. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-17740>>. Acesso em: 25 set. 2018.

<sup>76</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Nos pagan para divertir a la gente**. *Ibidem*, 11 jan. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-11466>>. Acesso em: 24 set. 2018.

Selección Colombia es su toque de balón. San Pablo juega parecido a Colombia y a mi me gusta mucho esa manera de jugar.”<sup>77</sup>

De maneira recorrente ao longo do período de preparação para a Copa, o jornal “El Tiempo” escreveu sobre a presença e as atuações dos jogadores colombianos em clubes estrangeiros, sobretudo europeus. Entre estes, as linhas mais extensas se referiam a Faustino Asprilla, jogador do Parma, da Itália, Adolfo “El Tren” Valencia, então jogador do Bayern de Munique, e Freddy Rincón, recém contratado pelo Palmeiras na época dos grandes investimentos feitos pela Parmalat no clube paulista.

Alguns artigos se dedicaram a tratar exclusivamente dos jogadores que atuavam em agremiações estrangeiras. Estes textos imprimiram o título: “Embajadores de Colombia”. Enquanto “embaixadores”, estes jogadores representavam a Colômbia mundo afora. Isto é, as expectativas sobre eles eram as expectativas de todo um país, e suas atuações tanto quanto seus comportamentos incidiam na forma como os outros países enxergavam a Colômbia. Em detrimento de sua principal mercadoria no mercado internacional, a cocaína, da qual ninguém tinha orgulho, o futebolista seria a verdadeira “matéria-prima” a comprovar os valores e potenciais da Colômbia. Além disso, os jogadores que atuavam na Europa não participaram de todo ciclo de preparação para a Copa, pois em geral só puderam se juntar à seleção quando findou a temporada europeia, em maio. Sendo assim, era relevante acompanhar o desempenho de atletas que seriam importantes na Copa, mas que não podiam ser vistos com a camisa da Colômbia antes dela.

Ainda em janeiro, o jornal trazia reportagens sobre a contratação do meio-campista Freddy Rincón pelo Palmeiras. A transação foi a mais cara do futebol brasileiro naquela janela de transferências. Por dois milhões de dólares, a equipe alviverde o tirou do América de Cali, onde havia sido campeão nacional em 1990 e em 1992<sup>78</sup>. Na época, o Palmeiras recebia patrocínio da empresa italiana Parmalat, a qual também investia no Parma, clube de seu próprio país. Segundo a reportagem, a ida do jogador para o Brasil seria apenas uma preparação em vista ao destino que lhe era reservado, a Europa:

La transferencia del América de Cali al Palmeiras es, sin embargo, el primer paso del colombiano en el fútbol internacional. Según los medios de comunicación de

---

<sup>77</sup> ORTEGA, Eliecer. **El fútbol no ha progresado**. *Ibidem*, 11 jan. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-17740>>. Acesso em: 25 set. 2018.

<sup>78</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Freddy Rincón, el más caro**. *Ibidem*, 8 jan. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-9561>>. Acesso em: 24 set. 2018.

Brasil, Rincón sólo jugará en el Palmeiras hasta el Mundial de Estados Unidos. Después pasará al Parma italiano para jugar con su colega Faustino Asprilla.”<sup>79</sup>

Se a carreira internacional de Rincón ainda se iniciava, a de Faustino “El Tino” Asprilla já havia decolado. Como dito anteriormente, o meia do Parma ficou em sexto lugar no prêmio da FIFA de melhor jogador de 1993 e foi considerado por Michel Platini como o melhor jogador do momento em março de 1994. Naquele ano, o maior ídolo esportivo da história de Tuluá, município ao norte de Medellín, contribuiu de maneira decisiva para o sucesso da seleção colombiana e se afirmou como jogador chave de sua equipe na Europa, condição que apenas Leonel Álvarez ostentou, com a camisa do Real Valladolid, entre os nomes que compunham aquela geração de jogadores do país.

Um artigo de “El Tiempo” se refere a Asprilla como “ese moreno inolvidable para cualquier argentino, futbolero y no”<sup>80</sup> e como “aquella gacela negra, vestida con pantaloncito celeste y camiseta amarilla que voló sobre el verde maltratado del estadio Monumental”<sup>81</sup>. Os trechos fazem alusão aos dois gols marcados pelo jogador na histórica goleada por 5 a 0 sobre a Argentina. Com uma atuação impecável, ele tinha sido um dos heróis colombianos na maior vitória futebolística da história do país. Ainda em 1993, “El Tiempo” constatou a respeito do atleta: “Asprilla, por sus ejecutorias en apenas diez meses de estancia en Italia, se convierte en el mejor embajador del fútbol colombiano de todos los tiempos.”<sup>82</sup>

O jogador tinha sido contratado ao Atlético Nacional pelo Parma por seis milhões de dólares em 1992. Pela equipe italiana, em março do ano seguinte, “El Tino” se consagrou ao marcar o gol da vitória de sua equipe sobre o então campeão Milan, que ostentava a marca de 58 jogos de invencibilidade. Essa sequência é até hoje a oitava maior da história do futebol europeu e incluiu o título do Calcio da temporada de 1991-1992 sem nenhuma derrota. Não é por acaso que “El Tiempo” declarou Asprilla o melhor jogador colombiano de todos os tempos ao repercutir a partida realizada no estádio San Siro.

Y es el mejor al recordar esa transferencia récord en Colombia, porque fue el primero en fichar para un club italiano (el fútbol más exigente del mundo), porque llevó al Parma a una semifinal de las Copas de Europa (única vez en toda su

<sup>79</sup> *Idem. Freddy Rincón*. 9 jan. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-10074>>. Acesso em: 24 set. 2018.

<sup>80</sup> *Idem. Faustino Asprilla, tal cual es*. 26 fev. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-56520>>. Acesso em: 3 out. 2018.

<sup>81</sup> *Ibidem*.

<sup>82</sup> *Idem. Un gol para la historia...* 22 mar. 1993. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-82004>>. Acesso em: 3 out. 2018.

historia) y porque fue el autor del gol que liquidó esta histórica racha del Milán, considerado en los años 90 como el más importante club del orbe.<sup>83</sup>

Já o atacante Adolfo “El Tren” Valencia foi revelado pelo Santa Fe no fim dos anos 90 e negociado por três milhões de dólares com o Bayern de Munique, onde foi campeão nacional na temporada 1993-1994 e artilheiro da equipe na competição ao lado do meia Mehmet Scholl com 11 gols marcados. Apesar do início de 1994 não ter sido dos mais produtivos para Asprilla, o jogador colombiano na Europa sob maior pressão parecia ser Valencia. Afinal, o Bayern virou o ano com troca de técnico e na modesta terceira posição da tabela, embora seu elenco fosse, em tese, o melhor do futebol alemão. Para piorar, a tradicional agremiação bávara vivia um jejum de três temporadas sem vencer a Bundesliga. No lugar de Eich Ribbeck, Franz Beckenbauer assumiu o cargo de treinador em dezembro de 93.

Em uma reportagem, o “Kaiser” revelou incômodo com a inconsistência do jogador: “Adolfo muestra a veces cosas espectaculares que solamente pocos jugadores las pueden hacer en este mundo. Pero un segundo después no sabe ni parar la pelota”<sup>84</sup>. Para ele, as debilidades de Valencia diziam respeito à sua consciência tática, o que indicava uma necessidade de melhor condicionamento a nível psicológico. Embora já tivesse marcado seis gols em oito jogos com a camisa do Bayern, ao jogador restava ainda um trabalho a ser feito:

Sé que es muy duro para él, pues nosotros los alemanes vivimos en otro mundo. Entre Alemania y Colombia hay una gran diferencia. Si alguien del equipo hace un chiste, todos se ríen menos Valencia, porque no entiende. Pero quiso venir a Munich para mostrar buen fútbol y ganar buen dinero. Entonces tiene que aprender más y aclimatarse más a nuestra vida y a nuestro fútbol.<sup>85</sup>

A resposta de “El Tren” ao seu novo técnico também se estruturou em termos de nacionalidade, assim como a cobrança de Beckenbauer:

Voy a luchar por mi puesto en el Bayern, que es uno de los mejores equipos en el mundo. Mostraré que soy un excelente goleador, que no solamente puedo triunfar en mi patria. No quiero que después digan que un colombiano fracasó en Alemania. Quiero tener éxito aquí y lo voy a conseguir, dice Valencia.<sup>86</sup>

Um mês depois, a situação havia mudado definitivamente. Beckenbauer o parabenizava por ter aprendido a falar alemão e essa era uma de suas explicações para a evolução do jogador de um momento para o outro.

<sup>83</sup> *Ibidem*.

<sup>84</sup> WERZ, Andreas Harold. **Carrera de \$300.000!**. *Ibidem*, 13 jan. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-12944>>. Acesso em: 24 set. 2018.

<sup>85</sup> *Ibidem*.

<sup>86</sup> *Idem*. **Llegó la hora o para Valencia....** 11 fev. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-39829>>. Acesso em: 25 set. 2018.

En los últimos tres partidos del campeonato alemán, Valencia marcó tres goles. Hasta ahora, tiene un total de nueve dianas; es el máximo goleador del Bayern y también, el responsable de que el Bayern mantenga el liderato. Les prometo que déjé mis problemas atrás; desde ahora van a ver al verdadero Adolfo, que es un jugador con ganas y un excelente goleador, dijo el colombiano a la hinchada.<sup>87</sup>

Assim, em 8 de maio, a pouco mais de um mês da Copa, “El Tiempo” repercutia a conquista do título alemão pelo Bayern. Com o lateral direito brasileiro Jorginho e “El Tren”, pela primeira vez na história sul-americanos conquistavam o título. Beckenbauer reconheceu e elogiou o desempenho do jogador na reta final da temporada e a torcida bávara, por sua vez, identificou um novo ídolo, oriundo da Colômbia: “Valencia se ganó los corazones de los hinchas del Bayern, que ya hacen ondear el tricolor colombiano en las gradas del estadio Olímpico de Munich.”<sup>88</sup>

Além de Rincón, Asprilla e Valencia, entre os convocados para a Copa que atuavam no futebol estrangeiro, também havia o atacante Víctor Hugo Aristizábal e o goleiro Faryd Mondragón. Enquanto este era apenas o goleiro reserva da seleção e atuava no Argentino Juniors, Aristizábal foi um caso de fracasso, pois permaneceu no Valencia, da Espanha, por apenas uma temporada (1993-1994), onde jogou pouco e não obteve destaque. Por isso, após a Copa ele retornaria ao Atlético de Medellín, agremiação que o havia revelado.

Sendo assim, a cobertura de “El Tiempo” a respeito da presença dos jogadores colombianos no estrangeiro se preocupava com a condição destes atletas, na medida em que seu sucesso significava o sucesso da própria Colômbia, capaz de mostrar ao mundo talentosos e disciplinados atletas do esporte mais popular do mundo, aptos a competir nos grandes centros do futebol, em relação aos quais a Colômbia historicamente havia sido periferia. Daí a classificação de Asprilla como maior embaixador do futebol colombiano de todos os tempos. Daí também o desafio proposto e aceito por Valencia de mostrar que seu sucesso seria, antes de tudo, o sucesso de um jogador colombiano. Por isso também o orgulho de “El Tiempo” ao relatar a presença da bandeira do país em pleno estádio Olímpico de Munique, na ocasião da conquista do título pelo Bayern e por Valencia.

Em relação aos jogos do ciclo de preparação para a Copa, a seleção dirigida por Maturana conseguiu sustentar até março uma sequência de 23 contendas sem derrotas, iniciada ainda em 93, entre amistosos, Copa América e Eliminatórias. Depois de quatro

<sup>87</sup> *Idem*. **El sol llegó para El Tren**. 15 mar. 1994. Disponível em:

<<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-75098>>. Acesso em: 3 out. 2018.

<sup>88</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **El Tren, campeón de la Bundesliga**. *Ibidem*. 8 mai. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-122076>>. Acesso em: 4 out. 2018.

vitórias e cinco empates, no décimo jogo da série a equipe sucumbiu por 1 a 0 para a Bolívia, outro sul-americano classificado para a Copa, em pleno jogo dedicado aos 154 anos da cidade de Villavicêncio, capital do departamento de Meta, região ao leste de Medellín e de Cali<sup>89</sup>.

Mesmo assim, na onda de otimismo que aquela geração inspirava, vejamos o que diz o comentarista esportivo Victor Rosas A. ao repercutir a derrota:

Un invicto de 28 partidos ya no constituía un motivo de gran satisfacción, sino una carga de responsabilidad y de mucha presión para una escuadra en vías de tomar su mejor forma con miras al Campeonato Mundial de Fútbol.<sup>90</sup>

Acusando uma atitude soberba da equipe colombiana no histórico recente, o comentarista afirmava que a derrota seria importante também para interromper a dissimulação de certos placares, que não revelavam o verdadeiro desempenho medíocre, como nos empates contra Arábia (1 a 1), Fiorentina e Suécia (0 a 0). Além do mais, Rosas A. destacava a ausência de Valderrama, lesionado, e dos três astros da equipe que atuavam em ligas europeias. “nadie pudo dejar pasar un recuerdo nostálgico por lo que hacen cuatro jugadores claves en esta escuadra: Freddy Rincón, Carlos Valderrama, Adolfo Tren Valencia y Faustino Asprilla.”<sup>91</sup>

Esse foi o único momento de estremecimento do enorme otimismo, muitas vezes em termos ufanistas, que pairava sobre a seleção, a qual seria a expressão do melhor da Colômbia, quais sejam seus jogadores e o bom jogo praticado pela equipe de Maturana. Isso, também, porque nos seguintes onze jogos do ciclo preparatório, a Colômbia estabeleceu outra série invencível. E, nesta ocasião, venceu dez vezes. Entre suas vítimas, equipes como a Nigéria, o Peru, o Bayern, o Milan e o Palmeiras.

Logo no início de maio, com a vitória sobre o Peru, “El Tiempo” estampava “Colombia recuperó su fútbol”, na cobertura do 1 a 0 em jogo válido por um torneio amistoso disputado em Miami<sup>92</sup>. Chamo a atenção para a cobertura feita pelo jornal dos jogos contra o Bayern de Munique e contra o Palmeiras. Essas contendas foram disputadas em estádios colombianos, e em sua repercussão enxergamos indícios da relação do torcedor com a sua seleção, um de seus símbolos de nacionalidade, orgulho de “ser colombiano”.

<sup>89</sup> ROSAS A., Victor. **Travesura de la cenicienta**. *Ibidem*, 8 abr. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-96816>>. Acesso em: 4 out. 2018.

<sup>90</sup> *Idem*. **Colombia: la ganancia de un revés**. 9 abr. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-97362>>. Acesso em: 4 out. 2018.

<sup>91</sup> *Ibidem*.

<sup>92</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Colombia recuperó su fútbol**. *Ibidem*. 4 mai. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-118625>>. Acesso em: 4 out. 2018.

Em matéria de 15 de maio, anunciava-se que os ingressos para o jogo contra o campeão alemão, Bayern de Munique, tinham sido todos vendidos. De maneira simbólica e consoante com a ideia de uma seleção que deve servir de exemplo em termos de valores para o país, “La recaudación irá destinada a la institución País Libre, ente que lucha contra el secuestro en nuestro país.”<sup>93</sup> Com a vitória por 2 a 0 sobre uma formação de reservas do Bayern no estádio El Campín, o jornal atesta: “Entonces, la fiesta fue completa. La despedida de la Selección Colombia que ya no jugará otra vez en Bogotá antes del Mundial resultó un éxito, en lo deportivo y en lo organizativo. La Fundación País Libre, que montó el espectáculo, se anotó un golazo.”<sup>94</sup>

Em notícia que repercutia a vitória da seleção colombiana, Carlos Eduardo Gonzalez retratou um ambiente prévio à partida como se fosse o jogo mais importante do ano, com os torcedores de Bogotá e de diversos lugares do país tomando as ruas da capital em direção ao estádio.

Difícilmente la memoria recuerda jornadas en que el sentimiento nacionalista estuviera tan a flor de piel, manifestado de maneras tan diversas y creativas, como las que se vieron ayer en El Campín. Caras pintadas de amarillo, azul y rojo; balacas, cachuchas, viseras, camisetas, banderas, trompetas, pelucas del Pibe ... en fin. Y todo adornado con un excelente comportamiento, con una alegría sin límites, con un ánimo desbordado.<sup>95</sup>

Em referência a uma incipiente polêmica em torno da escalação do volante Barrabás Gómez, do Atlético de Medellín, que havia sido vaiado no jogo anterior, em Cali, na vitória sobre o Parma, o autor destacou o apoio da torcida da capital ao jogador. E sentenciou: “la afición se interesó en demostrar que a la hora de vestir la camiseta nacional no existen regiones. Entonces, aunque se escucharon aislados y tenues silbidos, que se convirtieron en una sonora ovación apenas el jugador realizó una jugada de lujo.”<sup>96</sup>

Já em 12 de junho, contra o Palmeiras, a seleção realizava sua última partida antes da estreia na Copa. Despedia-se de seu país enfrentando o forte Palmeiras de Vanderlei Luxemburgo e da Parmalat no estádio Hernán Ramírez Villegas, no município de Pereira, capital do departamento de Risaralda, sul de Medellín e norte de Cali. Dessa vez, o próprio

<sup>93</sup> *Idem. Despedida a la selección.* 15 mai. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-128669>>. Acesso em: 4 out. 2018.

<sup>94</sup> *Idem. La de ayer, una fiesta redonda.* 16 mai. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-128547>>. Acesso em: 4 out. 2018.

<sup>95</sup> GONZALEZ., Carlos Eduardo. *Barrabás prendió la mecha.* *Ibidem*, 16 mai. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-130340>>. Acesso em: 4 out. 2018.

<sup>96</sup> *Ibidem.*



presidente da República estaria presente, com uma comitiva de ministros e dirigentes esportivos. Novamente o quadro da partida, em “El Tiempo”, apresenta um traço ufanista:

Aquí en Pereira se vive un ambiente único. Nadie habla de algo distinto a la Selección, a sus ídolos, al rival, al Mundial. Desde hace días en las taquillas del estadio apareció el cartelito de Agotadas las localidades! . Y, tal y como marchan las cosas, parece que también se van a agotar todos los souvenirs y distintivos nacionales (banderas, pelucas del Pibe , camisetas, balacas, cachuchas...). Porque esta ciudad está, literalmente, invadida por una fiebre de nacionalismo indescriptible.<sup>97</sup>

Pela TV, as pessoas assistiriam não apenas a partida da seleção, mas “una singular manifestación de respaldo, de admiración y de agradecimiento hacia el combinado patrio”<sup>98</sup>. Isso porque havia uma performance combinada: “Al comprar su boleta, cada aficionado adquirió el compromiso de vestir una prenda distintiva, de color amarillo, azul o rojo según la ubicación en la tribuna, para hacer del Hernán Ramírez una gigantesca bandera”<sup>99</sup>.

O “treinador-ideólogo” Maturana e seus jogadores receberiam homenagens também do departamento de Risaralda: “Maturana recibirá la Cruz de Risaralda en su máximo grado, mientras que jugadores y demás componentes de la delegación serán distinguidos con la Cruz al Mérito Deportivo.”

Na prévia do jogo contra a equipe alviverde, Francisco Diaz Cardozo destacava a presença da equipe ideal da Colômbia, a mesma que estrearia na Copa seis dias depois contra a Romênia.

Es decir, se trata del equipo ideal, de los hombres que con solo mencionar su nombre hacen temblar de respeto y de temor a los rivales, de los ídolos que encendieron en cada rincón de la geografía criolla -de norte a sur y de oriente a occidente- un sentimiento nacionalista sin precedentes.<sup>100</sup>

Após o jogo, o jornal anunciava que Pereira também havia sido contagiada por uma “epidemia de febre amarela” que dominava o país: “la fiebre amarilla no era la tan temida enfermedad tropical, sino el inmenso sentimiento nacionalista que despierta por estos días el equipo de Francisco Maturana.”<sup>101</sup>

<sup>97</sup> CARDOZO, Francisco Diaz. **Será una fiesta monumental**. *Ibidem*, 11 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-148281>>. Acesso em: 6 out. 2018.

<sup>98</sup> *Ibidem*.

<sup>99</sup> *Ibidem*.

<sup>100</sup> *Idem*. **Hasta pronto, muchachos!**. 12 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-148160>>. Acesso em: 4 out. 2018.

<sup>101</sup> *Idem*. **Pereira también se contagió**. 13 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-149692>>. Acesso em: 31 out. 2018.

Os símbolos veiculados pela seleção eram os duplês de Valderrama, as caras pintadas com a tricolor colombiana, as bandeiras e as camisas amarelas que naquele dia se viam por toda parte. “La fiebre amarilla alcanzó su máxima expresión. El termómetro marcó la temperatura más alta posible y Pereira, en representación de toda Colombia, le brindó a la Selección una despedida inolvidable.”<sup>102</sup>

Tendo em vista todas essas manifestações, o clima antes do torneio não poderia ser mais otimista. A despeito da ausência de conquistas a nível internacional na história, a seleção era apontada como candidata ao título ao lado de potências como Alemanha, Itália, Brasil e Argentina. Para o auxiliar técnico e braço direito de Maturana, Hernán Darío Gómez, o “Bolillo”, aquela era a melhor seleção de toda história do futebol colombiano e afirmava isso publicamente. O comentarista Victor Rosas A. explicava:

Por qué? Un prelado primario del fútbol: hay buenos jugadores (jamás se podrá olvidar esta esencia). Y partiendo de esa base, se encuentra disciplina individual y colectiva, profesionalismo, mentalidad (era muy difícil encontrar protagonistas que realmente fueran protagonistas), táctica, estrategia y preparación. Es decir, se han llenado todos los renglones que demanda un trabajo que tiene como meta el éxito.<sup>103</sup>

A dois dias da estreia na Copa, D. Artagnan assinou um artigo em “El Tiempo” no qual afirmava que “nunca la expectativa de un país se había volcado tan masiva y entusiastamente sobre la suerte de su Selección Nacional”<sup>104</sup>, com uma sensação de que nada mais importava além de sua participação na Copa. “Ni la política -a dos días de unas elecciones presidenciales decisivas-, ni las tragedias, ni los índices económicos, ni las matanzas. Nada...”<sup>105</sup>

Artagnan classificava como positiva a a onda de otimismo nacionalista “en el sentido de que para un país desazonado por tantos golpes y conflictos -que con el fútbol pretende, aun cuando sea momentáneamente, olvidar, es saludable esta inyección de optimismo.”<sup>106</sup> De novo, o sucesso da seleção de futebol é formulado como antítese dos conflitos sociais e da violência urbana decorrente da presença do narcotráfico:

De manera que como bien afirma el mediocampista Luis Carlos Perea, a Colombia le corresponde satisfacer en esta oportunidad única del Mundial no solo las expectativas de una fervorosa fanaticada, sino, mediante el fútbol, paradójicamente,

<sup>102</sup> *Ibidem.*

<sup>103</sup> ROSAS A., Victor. **A Colombia llegó la hora.** *Ibidem*, 18 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-150299>>. Acesso em: 10 out. 2018.

<sup>104</sup> ARTAGNAN, D.. **Colombia en el Mundial!**. *Ibidem*, 17 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-152255>>. Acesso em: 10 out. 2018.

<sup>105</sup> *Ibidem.*

<sup>106</sup> *Ibidem.*

algo más. Que Colombia no es sólo coca, violencia, terrorismo y muerte, precisamente a través de la actuación del seleccionado nacional.<sup>107</sup>

### 3.4 A ELIMINAÇÃO PRECOCE

Com esse espírito, a Colômbia chegou à Copa, no contexto de afirmação de uma identidade nacional através da seleção e animada pelo favoritismo que os especialistas do esporte lhe conferiam. Na prévia da partida de estreia contra a Romênia, a participação do país na competição foi entendida como ponto determinante em sua história futebolística: “Aquel momento cumbre cuando se toma una decisión de ser o no ser, de arrojarse definitivamente en el linaje de la aristocracia o de seguir en la franja de una servidumbre a la espera de recibir unas migajas de gloria.”<sup>108</sup> Portanto, a partir do jogo contra a Romênia começaria a ser decidido o novo *status* do futebol colombiano. Isto é, se se confirmaria como uma nova potência mundial ou se seria apenas uma sensação esportiva fadada a permanecer fora do seleto grupo composto pelos favoritos de sempre, como Brasil, Argentina, Itália e Alemanha, por exemplo.

Em editorial publicado por “El Tiempo” no esperado 18 de junho de 1994, fica ainda mais nítida a ideia de que a Copa extrapolava os limites do estritamente esportivo no caso do país sul-americano:

Es un acontecimiento no solo de carácter deportivo sino económico y social, porque estas facetas se conjugan en un torneo que absorbe la atención y llena de expectativa a todas las gentes, sean dependientes o no del balompié. Para los colombianos la fecha posee una inigualable condición de patriotismo y entusiasmo. Colombia presenta su examen final para salir del subdesarrollo deportivo en este campo, e ingresar a la categoría de los grandes, sea que se corone o no campeón mundial.<sup>109</sup>

Entretanto, como sabemos, à Romênia coube o papel de começar a acabar com o sonho colombiano de sair do “subdesenvolvimento esportivo”. Em partida disputada no estádio Rose Bowl, em Pasadena, Los Angeles, os europeus venceram pelo placar de três a um. Pela primeira vez desde a derrota na fase preparatória para a Bolívia, a estratégia de Maturana falhava. Apesar de ter permanecido com a posse da bola, e em que pese ter criado

<sup>107</sup> *Ibidem*.

<sup>108</sup> ROSAS A., Victor. **A Colombia le llegó la hora**. *Ibidem*, 18 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-154118>>. Acesso em: 10 out. 2018.

<sup>109</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Gol**. *Ibidem*, 18 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-153249>>. Acesso em: 10 out. 2018.

mais chances do que o rival, este se mostrou mais objetivo e obteve os três primeiros pontos da fase de grupos<sup>110</sup>.

Por outro lado, a Romênia já era considerada por Maturana o time mais forte do grupo ao lado da própria Colômbia, a qual ainda disputaria seis pontos em partidas contra E.U.A. e Suíça. Assim, o resultado do jogo de estreia foi matizado por um desempenho razoável dentro de campo:

No se puede afirmar, incluso, que Colombia haya jugado mal. Intentó (auncando muy repetitivo por el centro), hizo la pared , el desborde, entró y salió, pero le faltó contundencia, aquella que tuvo un Radiscioui, un hombre que estuvo tres veces frente a Córdoba y le metió dos.<sup>111</sup>

O treinador se mostrou tranquilo, tanto que até sorriu durante a entrevista coletiva concedida após o jogo, segundo Andres Cavalier Castro, um dos que cobriam a participação da seleção para “El Tiempo”. Ainda havia pontos por disputar e o revés serviria, além do mais, para que a equipe deixasse de lado o excesso de confiança alimentado pelos elogios e por toda expectativa gerada ao longo da preparação para o torneio<sup>112</sup>.

O compromisso seguinte, contra os donos da casa, seria novamente realizado no Rose Bowl, em Pasadena. A preparação para o jogo se caracterizou pela tensão, expressada pelo assistente “Bolillo” Gómez em sua coluna em “El Tiempo”: “Es cuando a uno se le hacen interminables las horas, los días, como si quisiera salir nuevamente a la cancha”<sup>113</sup>. A importância da contenda pode ser medida pela disposição do próprio presidente, César Gaviria, de viajar para os E.U.A. a fim de assistir o jogo no estádio. Afinal, o futebol é um dos cenários mais propícios à expressão de superstições como essa: “En ninguno de los compromisos en que ha estado presente Gaviria la Selección ha perdido”<sup>114</sup>. Tudo precisava ser levado em conta diante da necessidade de vencer os estadunidenses, para que o país permanecesse vivo na competição.

Entretanto, o jornal estamparia o fim da ilusão colombiana em repercussão ao 22 de junho. A derrota por dois a um para os anfitriões, partida em que Andrés Escobar marcou o

<sup>110</sup> ROSAS A., Victor. **Rumania acabó con la fiesta**. *Ibidem*, 19 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-154535>>. Acesso em: 10 out. 2018.

<sup>111</sup> *Ibidem*.

<sup>112</sup> CASTRO, Andres Cavalier. **Pacho no perdió la sonrisa**. *Ibidem*, 19 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-154029>>. Acesso em: 10 out. 2018.

<sup>113</sup> PELÁEZ, Hernán Darío. **La zona del Bolillo**. *Ibidem*, 22 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-156532>>. Acesso em: 10 out. 2018.

<sup>114</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Hoy viaja Gaviria**. *Ibidem*, 22 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-156536>>. Acesso em: 10 out. 2018.

fatídico gol contra tirando o zero do placar aos 34min do primeiro tempo, resultou na virtual eliminação do país. Isso porque, além da vitória sobre a Suíça na rodada final, os comandados de Maturana precisariam torcer por uma improvável combinação de resultados para se classificar como um dos quatro melhores terceiros colocados na competição. Victor Rosas A. assim expressou a frustração do país: “Colombia, Qué dolor, qué pena...! Llegamos con el rótulo de favoritos al título y somos el primer equipo eliminado del Mundial USA-94”<sup>115</sup>.

Para piorar o cenário, a repercussão do fracasso nacional incluiu a revelação de ameaças dirigidas à comissão técnica da seleção no dia do confronto derradeiro. Francisco Maturana recebeu uma chamada telefônica da Colômbia, seguida por um fax e um terceiro aviso minutos depois na linha de Hernán Darío Gómez: "Habrá bombas en su casa y en la de la familia de Barrabás Gómez si lo ponen a jugar."<sup>116</sup>

Vale recordar o episódio relatado anteriormente, ocorrido na partida amistosa durante o ciclo de preparação para a Copa contra o Parma (ITA), realizada em Cali, quando o volante foi vaiado por parte da torcida local, identificado como jogador do Atlético Nacional, maior rival do América de Cali.

É importante esclarecer que houve uma avalanche de críticas sobre Maturana entre a estreia e a segunda partida. Isso porque ele decidiu substituir “El Tren” Valencia por Anthony De Avila e não dar explicações à imprensa sobre a mudança. Segundo a matéria de José Clapatofsky, o jornalista Edgard Perea, da rádio Caracol, afirmou que a escalação de De Ávila pelo treinador obedecia a ordens do América de Cali. Maturana reagiu vetando o veículo da cobertura da seleção<sup>117</sup>.

Na manhã do dia da partida decisiva, às 10h, chegaram as ameaças. Segundo o relato de Clapatofsky, Maturana foi ao quarto de Barrabás Gómez chorando, comunicá-lo da situação e da necessidade de substituí-lo por Carepa Garviria, a fim de preservar a integridade das suas famílias. Depois, ao encontrar a equipe para a preleção, comunicou seu desejo de ir embora, uma vez que não tinha mais autonomia sobre o grupo, o qual estava sendo manejado por fora, mediante terrorismo, "Como en las peores épocas de la narcoviolenca"<sup>118</sup>.

<sup>115</sup> ROSAS A., Victor. **Ilusión de Colombia se murió en EE.UU.**. *Ibidem*, 23 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-157465>>. Acesso em: 10 out. 2018.

<sup>116</sup> CLOPATOFKY, Jose. **A Colombia la mató Colombia**. *Ibidem*, 23 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-157482>>. Acesso em: 10 out. 2018.

<sup>117</sup> *Ibidem*.

<sup>118</sup> *Ibidem*.

Porém, toda a equipe de assessores se mobilizou em torno do treinador, que em 15 minutos se recompôs, retornou ao trabalho e já dizia aos jogadores "que si este equipo estaba trabajando por mejorar la imagen de Colombia, él debía poner la pauta y seguir con las banderas"<sup>119</sup>. Mais uma vez, chamamos a atenção para o esforço de “El Tiempo” em reforçar a comunidade imaginada colombiana através da seleção. Não é por acaso, portanto, que a permanência de Maturana em um momento crítico é associada a uma espécie de dever patriótico, afinal o fundamental de seu trabalho consistiria em “melhorar a imagem da Colômbia”.

O jogo contra a seleção da casa, em si, foi muito ruim para a Colômbia, desde o setor defensivo até o ataque, segundo Victor Rosas A., para quem a única e honrosa exceção ficava por conta do volante Leonel Alvarez, cujo espírito guerreiro evitou “uma tragédia maior”. “Destrozado por los conflictos extrafutbolísticos que se cocinaron durante estos cuatro días entre la derrota ante Rumania y el juego de ayer, Colombia se desdibujó increíblemente ante un Estados Unidos que, valga el reconocimiento, se jugó el partido de su vida”<sup>120</sup>. Ou seja, as circunstâncias extra futebolísticas teriam sido determinantes para o resultado.

A onda de reforço à comunidade imaginada logo daria lugar ao seu inverso, isto é, um sentimento de vergonha nacional, em razão da invasão da violência e da intromissão de interesses obscuros onde até então prevalecia o talento do futebol colombiano, orgulhosa matéria prima do país diante do mundo. Para German Blanco P. a derrota contra os E.U.A. e as ameaças significavam a derrota de toda Colômbia, que em dez dias transitou do orgulho à vergonha. Diante do primeiro adversário, a seleção foi derrotada, talvez, por excesso de confiança. Frente aos anfitriões, por seu turno, a derrota foi fora de campo, “porque cuando de por medio hay amenazas en un país como Colombia, donde matan por 20 mil pesos, es mejor creer que es en serio”<sup>121</sup>.

E assim prossegue o jornalista, em tom alarmado a respeito da pressão violenta exercida sobre a seleção: “Pero si para el juego del domingo ante Suiza, con la posibilidad aún de avanzar a la siguiente ronda le iban a avisar a Maturana o a Gómez que habría una bomba

---

<sup>119</sup> *Ibidem*.

<sup>120</sup> ROSAS A., Victor. **Ilusión de Colombia se murió en EE.UU.**. *Ibidem*, 23 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-157465>>. Acesso em: 10 out. 2018.

<sup>121</sup> BLANCO P., Germán. **Como iban las cosas, lo mejor es la eliminación.** *Ibidem*, 23 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-157502>>. Acesso em: 10 out. 2018.

en su casa, para su familia porque Valencia o El Pibe eran titulares, es mejor que nos hayan eliminado...”<sup>122</sup>.

Da seguinte forma o jornal retratou o clima nas ruas colombianas após o fracasso:

Después del partido, las calles donde minutos antes de terminar el partido no se veía ni un alma empezaron poco a poco a la normalidad. Los transeúntes, desmoralizados, no hablaban. Muchos iban llorando, otros, agarraban con tristeza su bandera, camiseta o peluca. Entre los que se atrevían a mirarse a la cara reinaba una sensación de solidaridad y de duelo. Las emisoras radiales le abrieron carta abierta a sus oyentes para que expresaran su frustración. Comentaristas y aficionados expresaron su descontento por la actuación del combinado nacional, manifestando que no se podía jugar tan mal y cometer tantos errores, rechazando la falta de ideas y de espíritu vista en la gramilla del estadio Rose Bowl y en general considerándolo inferior al del Mondiale de Italia-90.<sup>123</sup>

Ainda antes do último jogo que restava ser disputado, contra a Suíça e que terminaria com uma vitória por 2 a 0 inútil para a Colômbia em termos de classificação, o jornalista Victor Rosas destaca que toda a vez que uma equipe colombiana de futebol assumiu o compromisso de “levar o país adiante”, de “mejorar rescabrada imagen”, as coisas terminaram de uma maneira ruim. Depois de classificar o problema como uma questão cultural, ele atesta:

Y saben cuáles fueron las declaraciones? Las mismas de ahora. Nadie sabe qué pasó, o mejor, nadie se atreve a decir que esto es un virus genético, que va más allá del aspecto físico y que se decantó en la parte mental. Siempre nos hemos preparado para ganar, pero no para perder.<sup>124</sup>

### 3.5 A TRAGÉDIA

De maneira emblemática, Andrés Escobar escreveu uma coluna publicada por “El Tiempo” em 29 de junho de 1994, intitulada “Nos faltó verraquera”<sup>125</sup>. Depois de eleger a falta de garra e a soberba advinda da favoritismo como fatores determinantes do fracasso na Copa, o zagueiro seguiu a linha interpretativa geral dos textos do jornal no sentido de não desprezar todo o “Proceso” em razão do resultado adverso. “Por dos partidos no se puede empañar un periodo brillante de 7 años, con un fútbol idóneo, claro, elogiado, con un estilo y una identidad propia”<sup>126</sup>.

<sup>122</sup> *Ibidem*.

<sup>123</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Si alguien cree en milagros, que le prenda velas al santo de su devoción.** *Ibidem*. 23 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-118625>>. Acesso em: 11 out. 2018.

<sup>124</sup> ROSAS A., Victor. **Un coctel de excusas.** *Ibidem*, 24 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-159056>>. Acesso em: 11 out. 2018.

<sup>125</sup> Verraquera é uma expressão popular colombiana que designa valentia, audácia, garra, etc.

<sup>126</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Nos faltó verraquera.** *Ibidem*. 29 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-161556>>. Acesso em: 11 out. 2018.

Também destacou que ele e seus companheiros de equipe deviam ser respeitados, tendo em vista que lutaram pela evolução do futebol colombiano. O jogador também afirmou que a busca insistente por uma explicação para o fracasso não poderia ser benéfica para ninguém, além de não ser elegante frente ao mundo que reconhecia o bom trabalho da equipe colombiana. Palavras gentis daquele que era conhecido como “El caballero del fútbol”, defensor que cometia poucas faltas e esbanjava categoria na saída de bola. Na última frase de seu texto, lemos o trecho que seria recordado com comoção após seu assassinato: “Hasta pronto porque la vida no termina aqui”<sup>127</sup>.

E assim retornamos ao trágico episódio que introduziu a presente pesquisa. Depois de termos apreciado elementos de afirmação de uma identidade nacional fundada na seleção de futebol na cobertura jornalística feita por “El Tiempo” antes e durante a Copa de 94, resta agora investigar os impactos do duplo fracasso sobre esta formulação de viés nacionalista. Vale reiterar que a principal característica observada nos diversos textos a respeito da seleção foi sua apresentação como antítese da violência social cuja origem seria o narcotráfico.

Para Abdon Espinosa Valderrama, o assassinato de Andrés Escobar infligiu terrível dano ao já maltratado nome da Colômbia, tanto no interior do próprio país quanto no exterior. Assim como as ameaças dirigidas à seleção durante a Copa, o novo caso foi associado a grupos de apostadores de resultados. De maneira geral, o episódio seria outra expressão do ambiente deletério no qual estava imerso o país. Ao acusar a máfia, Valderrama defende que Escobar se tornou um mártir de sua profissão, valorizada como “civilizada”, “proba”, “sã” e “decente” em oposição à sua degradação pelas “baixas paixões” próprias das máfias que haviam chegado também ao mais alto escalão do futebol nacional. Para o jornalista, o futebol era também um símbolo de patriotismo, por isso a tragédia foi caracterizada como o fracasso da Colômbia como um todo em conter a escalada da violência<sup>128</sup>.

Em outro texto, cuja autoria aparece no site de “El Tiempo” como Archivo Particular, é feita uma crítica ainda mais contundente a respeito dos valores dominantes na sociedade colombiana. No início, o autor sublinha a perplexidade com o fato de a morte de Escobar não ter vinculação comprovada com a máfia. Pois, se tivesse, pelo menos restaria uma explicação para a tragédia, ainda que infame. O que abisma o escritor é que de fato os disparos tenham sido motivados por um gol contra feito de boa fé ou, o que seria ainda pior, por uma discussão

---

<sup>127</sup> *Ibidem*.

<sup>128</sup> VALDERRAMA, Abdon Espinosa. **Sacrificio y surte del fútbol**. *Ibidem*, 5 jul. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-165025>>. Acesso em: 14 abr. 2018.



de trânsito. Em seguida, o autor se aprofunda em sua reflexão sobre os valores morais então dominantes, retratando um país imerso na criminalidade e na violência:

Aquí la vida ya no vale nada. Y lo peor es que alarmarse por tal cosa, como todavía lo hacemos algunos con dolor, tampoco provoca en nadie la menor inquietud. Ciertamente si un sinvergüenza asesina un día con la frialdad más grande a una estrella de la selección; si otros canallas matan la víspera, con idéntica indiferencia, al alcalde de Fusagasugá; si unos policías borrachos le disparan a un niño el día anterior y si tres días más tarde unos sicarios acribillan al gerente del Fondo Ganadero de Medellín, no es porque cada uno de esos sujetos sea un desadaptado, como ahora se pretende decir, sino porque la verdaderamente desadaptada, la que extravió su norte ético desde hace ya mucho rato y nunca lo ha podido recuperar, es la nación. Ya se sabe que aquí el asesinato, el secuestro, el robo, el lavado de dólares y la corrupción no son una casualidad sino un modo de vida con el cual coexiste resignada, y en ocasiones hasta complacida, la sociedad. La muerte y la rapiña dejaron de ser entre nosotros excepciones dolorosas para convertirse en pan de todos los días que ya los medios ni se molestan en reseñar. De vez en cuando un asesinato como el de Andrés Escobar conmueve transitoriamente a la opinión. Pero a la semana siguiente el dolor se diluye y la indignación se evapora entre las liviandades gozosas de algún carnaval.<sup>129</sup>

Enrique Santos Calderón expressou sentimentos semelhantes ao autor anterior. Para ele, o assassinato de Andrés Escobar foi sentido de maneira diferente das de Luis Carlos Galán e de Rodrigo Lara Bonilla, mártires políticos da luta contra o narcotráfico. Enquanto a execução destes personagens lhe gerou indignação e raiva, a morte do jogador lhe deixou em um estado de desolação total. O jornalista também tocou no tema que nos é tão caro ao longo da presente pesquisa: declarou que pela primeira vez se sentia envergonhado de ser colombiano e que o crime lhe despertara uma deprimente “dolor de pátria”. Nesse sentido, se pergunta: “Qué le puede decir el papá a su hijo de siete años que quería ser como Andrés Escobar cuando grande? Cómo le explica que su ídolo haya terminado así? Qué se les responde ahora los detractores de Colombia en el exterior?”<sup>130</sup>

As entidades internacionais do futebol também voltaram suas atenções para a Colômbia, atentas e preocupadas com a ingerência do narcotráfico na atividade e o impacto disso sobre a imagem de seu principal produto. João Havelange, então presidente da FIFA, defendeu uma investigação a fundo do problema e encomendou um relatório a esse respeito ao então presidente da CONMEBOL, Nicolás Leoz<sup>131</sup>.

<sup>129</sup> ARCHIVO PARTICULAR. **Autogol moral**. *Ibidem*, 6 jul. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-166359>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

<sup>130</sup> CALDERON, Enrique Santos. **Dolor de patria**. *Ibidem*, 7 jul. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-166981>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

<sup>131</sup> ROSAS A., Victor. **Colombia, a la intemperie**. *Ibidem*, 17 jul. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-174618>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

D. Artagnan é outro jornalista que lança mão da expressão “dolor de pátria” se referindo ao crime. Destaca também a informação da revista *Semana* de que o chefe do cartel de Cali esteve em contato com atletas da seleção no retorno dos E.U.A.

pocas horas después de su llegada al país, varios jugadores (de la Selección Colombia) se comunicaron con Miguel Rodríguez Orejuela. Los diálogos giraron en torno de lo que había acontecido en el interior del equipo durante la disputa del Mundial. Terminaron cuando don Miguel les ofreció generosamente un dinero para que pasaran bien sus días de vacaciones, según opinión recogida y emitida por la citada corresponsal.<sup>132</sup>

Artagnan nos apresenta uma significativa e ilustração a respeito do “ser colombiano”, ao analisar não apenas o assassinato de Andrés Escobar, mas também um escândalo de ingerência do narcotráfico nas eleições presidenciais que ocorreram durante a Copa. Como correspondente internacional, o autor chama a atenção para a atração então exercida por colombianos além dos destacados jogadores da seleção, como o cineasta Sergio Cabrera e o músico Carlos Vives. Entretanto, a pujante cultura colombiana, a qual já havia rodado o mundo com os escritos de Gabriel García Márquez, assim como o futebol e todas as outras áreas em que a Colômbia se destacasse, seriam sempre ofuscadas pelas atividades criminosas ligadas ao narcotráfico. Por isso, ele remete à própria estigmatização física quando recorda sua passagem por um aeroporto de Madri, onde escutou a voz de um funcionário de imigração que comentava com o seu companheiro “en tono quejumbroso, algo así como ahí vienen los de Bogotá”<sup>133</sup>.

A pesar de todo lo bueno que tenemos, que es muchísimo, opacado, sinembargo, por la imagen tenaz y sombría del narcotráfico. Que en todo nos envuelve e involucra hasta lograr estigmatizarnos en carne propia, cuando usted es un viajero colombiano que pisa los aeropuertos del mundo.<sup>134</sup>

O artigo de Orlando Leon Restrepo descreve o cenário em torno da tumba de Andrés Escobar, no cemitério Campo de Paz de Medellín. Transcorridos dezesseis dias do assassinato do jogador, ele relata as visitas feitas de domingo a domingo por pessoas as mais diversas. De fato, como afirmaram alguns jornalistas logo em um primeiro momento, Andrés se tornou um mártir nacional. Vejamos o que diz uma das muitas notas jogadas por cima da tumba:

Tu hiciste que nos sintiéramos orgullosos de ser paisas y de ser colombianos. Nunca olvidaremos tu fútbol que nos hace sentir orgullosos de estar entrenando fútbol. Nosotros los alumnos de esta escuela que soñamos llegar algún día a la gloria y ser estrellas, tu caballerosidad fuera y dentro de la cancha fue un ejemplo para nosotros,

<sup>132</sup> ARTAGNAN, D. **En el ojo del huracán**. *Ibidem*, 17 jul. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-174472>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

<sup>133</sup> *Ibidem*.

<sup>134</sup> *Ibidem*.

escriben los alumnos de la Escuela de Fútbol Los Paisitas de Belén Rincón, un barrio donde han surgido jugadores como Víctor Hugo Aristizábal y Jorge Porras.<sup>135</sup>

Portanto, trata-se da passagem de um discurso ufanista à dor profunda e à consternação diante do desaparecimento de um jovem ídolo e, o que piora as coisas, por um motivo banal ou por influência das forças criminais, as quais eram retratadas por “El Tiempo” como as fontes da maior vilania na Colômbia. Além disso, durante a repercussão do episódio, o diário recordou outros casos de violência contra pessoas do futebol a mando de narcotraficantes.

Já no primeiro dia de cobertura do assassinato de Andrés Escobar, um artigo intitulado “Fútbol y violencia, una larga historia” trazia uma extensa linha do tempo a respeito do envolvimento do narcotráfico com o futebol, a incluir casos de ameaça, sequestro e assassinato de árbitros, jogadores e diretores profissionais. Abaixo, alguns dos episódios listados no artigo:

Octubre de 1983. El Ministro de Justicia, Rodrigo Lara Bonilla, denunció: La mafia se apoderó del fútbol colombiano. [...] Noviembre 2 de 1988. El árbitro Armando Pérez es secuestrado y amenazado de muerte, por hombres que se hicieron llamar representantes de 6 clubes profesionales [...] Enero de 1989. La Superintendencia de Control de Cambios obliga a pagar una multa de 60 millones de pesos al Club Millonarios y al Atlético Nacional por cambio y uso ilegal de dólares [...] Abril de 1989. El Miami Herald publica un informe en el cual se afirma que el club America de Cali, participante del torneo Copa Marlboro tiene nexos con el cabecilla del Cartel de Cali, Gilberto Rodríguez Orejuela. [...] Noviembre 15 de 1989. El arbitro cartagenero Alvaro Ortega Madero. es asesinado, luego de pitar el partido entre el Deportivo Independiente Medellín y el Club América de Cali. [...] Junio 30 de 1991. Escándalo nacional por la visita del arquero de la selección Colombia, René Higuita, a Pablo Escobar en La Catedral. [...] Junio 9 de 1993. Es capturado y enviado a la cárcel Modelo el arquero René Higuita por haber participado en la negociación que condujo a la liberación de la hija del narcotraficante Luis Carlos Molina Yepes.<sup>136</sup>

Reproduzimos estas passagens a fim de tocar em um ponto delicado que já foi aprofundado por Alvarado, isto é, o paradoxo de uma seleção que se atribuía valores contrários aos valores do narcotráfico e que, no entanto, tinha sim reconhecidos vínculos com o narcotráfico. Não nos cabe entrar no mérito da questão, mas é evidente que a sociedade colombiana sabia ou, ao menos, desconfiava da presença do narcotráfico no mundo do futebol. De maneira direta ou indireta, a atuação de seus agentes nos clubes gerou sucesso esportivo, como vimos, e também um extenso rastro de sangue, cujos tópicos acima nos permitem recordar. O que nos cabe, por outro lado, é chamar a atenção para a reação

<sup>135</sup> RESTREPO, Orlando Leon. **Romería a tumba de Andrés**. *Ibidem*, 18 jul. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-176053>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

<sup>136</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Fútbol y violencia, una larga historia**. *Ibidem*, 3 jun. 1994. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-164658>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

evidenciada nos artigos de “El Tiempo” no sentido de lembrar dos episódios do passado e, assim, promover a denúncia dos empresários da cocaína e de sua ação trágica para a sociedade colombiana como um todo.

#### 4 CONCLUSÃO

Podemos constatar a fragilidade do discurso acerca da blindagem da seleção de futebol diante do narcotráfico desde a discussão bibliográfica propiciada por autores da história do esporte colombiano. Tanto Alvarado quanto Toloza sustentam com apoio de vasta documentação histórica a associação de grandes narcotraficantes e suas organizações às estruturas administrativas dos clubes colombianos. Além disso, o jornalista Fabio Castillo denunciava ainda em 1987 a intromissão do narcotráfico e de seus agentes nos mais variados âmbitos da sociedade colombiana.

A seleção de futebol se apoiou em um sucesso esportivo real, mas a narrativa em torno de uma equipe blindada do narcotráfico só poderia manter sua integridade enquanto esta condição permanecesse. Toda vez que ações violentas chamavam a atenção da opinião pública, logo o ufanismo dava lugar ao temor e à denúncia. Aconteceu quando se ameaçou a vida da família de Maturana e de Barrabás Gómez e de novo no retorno da equipe ao país, em proporções muito maiores, com o assassinato de Escobar e as suspeitas nunca desfeitas em relação ao envolvimento do narcotráfico no crime.

Ou seja, as páginas de “El Tiempo” se dedicaram a apoiar uma seleção que, pelos valores esportivos aplicados por Francisco Maturana, oferecia uma imagem da Colômbia dissociada do terror oriundo do narcotráfico, cuja cobertura por parte da imprensa internacional produziu uma imagem detratada do país, de imediato associado ao mercado da cocaína e à violência. Por outro lado, quando suas ações violentas atingiram também os membros da seleção nacional, logo o orgulho se converteu em vergonha, a festa em dor e “El Tiempo” tratou de recordar outras ocasiões em que homens do esporte foram vítimas do narcotráfico.

Lembremos a observação de Castillo de que todos os grupos sociais do país tinham algum morto pelo qual chorar, a maior parte deles por causa da ação de traficantes de cocaína. Apesar de o futebol ter experimentado episódios emblemáticos, como o assassinato de árbitros, dirigentes e jogadores, a seleção de futebol se mantinha como exceção à regra. Uma das hipóteses que se tenta sustentar ao longo da presente pesquisa é que isso explica a transformação do discurso em relação à seleção após o assassinato de Andrés. A denúncia à presença do narcotráfico no futebol em decorrência de uma tragédia compreendida como nacional é um marco no processo, iniciado em 1987, de concretização da seleção de futebol como uma fonte de inéditas experiências de comunidade imaginada no país.

Mesmo que o assassinato de Andrés tenha ocorrido sem premeditação, a própria banalidade do fato recordava aos colombianos sua incapacidade de conter a escalada da violência originada pela ação dos narcotraficantes. Com a tragédia, uma onda de memórias relacionadas à ingerência do crime no esporte veio à tona, como em um esforço de expurgar antigas feridas, em meio ao clima de consternação nacional favorável à denúncia dos interesses escusos.

Em resumo, a tese de Dávila e Lodoño acerca da consolidação de uma seleção colombiana como uma referente de identidade nacional a partir de meados dos anos 1980 se confirmou no que diz respeito à fonte que tivemos acesso, isto é, os textos do jornal “El Tiempo” – maior jornal do país e de amplitude nacional. Criou-se uma grande expectativa em torno do sucesso da seleção na Copa de 1994, logo depois do histórico ano da vitória por 5 a 0 sobre a Argentina, e se construiu a partir disso uma série de representações positivas a respeito do país, sempre destacando seus valores opostos aqueles veiculados pelo narcotráfico. A seleção, como vimos, foi em geral entendida como a imagem do país no exterior, por isso sua constante dissociação do narcotráfico nas palavras do jornal. Com o fracasso e a tragédia subsequentes, o que se observou foi a sensível mudança de um discurso ufanista em direção à reflexão crítica acerca da influência do narcotráfico nos mais diversos âmbitos da sociedade, assim como a denúncia dos valores corruptores e das ações violentas por ele perpetradas.

Por fim, é necessário acrescentar que 1995, além de ter sido o ano do julgamento do caso Andrés Escobar, ficou marcado pela prisão dos chefes do cartel de Cali, Miguel e Gilberto Rodríguez Orejuela. Eles foram os grandes financiadores do América de Cali multicampeão nacional e três vezes finalista da Libertadores nos anos 1980. Continuaram a comandar a agremiação escarlata até meados dos anos 90 e Miguel chegou a ser, de fato, um de seus acionistas<sup>137</sup>.

O fato notório é que em novembro daquele ano, como resultado direto da prisão dos irmãos Orejuela, caiu também o então presidente da Federación Colombiana de Fútbol (FEDEFÚTBOL). Juan José Bellini, que havia sido reeleito por mais quatro anos em março

---

<sup>137</sup> TOLOZA, 2013.

do ano anterior, foi julgado pelos crimes de enriquecimento ilícito e narcotráfico. Seu nome foi descoberto no livro de número 1 de pagamentos de Miguel Rodríguez Orejuela<sup>138</sup>.

O assassinato de Andrés teria servido para ajudar a expulsar de vez os narcotraficantes do futebol colombiano? Como a seleção se transformou no intervalo entre a Copa dos E.U.A. e a Copa seguinte, sua terceira participação consecutiva? Como estas mudanças foram interpretadas em termos de nacionalidade, tanto por “El Tiempo”, quanto por outros meios de comunicação? Essas indagações mostram que ainda há um vasto campo a ser percorrido no que diz respeito a elucidar as formulações nacionais e identitárias em geral através do futebol no caso da Colômbia, com sua especificidade da presença do narcotráfico. São questões que ficam a serem descobertas.

---

<sup>138</sup> ARCHIVO HISTÓRICO EL TIEMPO. **Capturado en Cali Juan José Bellini**. Bogotá: El Tiempo [1911]-Diário, 15 nov. 1995. Disponível em: <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-455239>>. Acesso em: 24 set. 2018.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fonte primária

EL TIEMPO. Jornal. Colômbia (1990-1994). Disponível em:  
<<http://www.eltiempo.com/buscar>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

### Livros, artigos e teses

ALVARADO, Paula Cristina Quintero. **AUTOGOL: narraciones de una patria imposible desde la relación entre fútbol y narcotráfico en Colombia**. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2017.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**; tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CASTILLO, Fabio. **Los jinetes de la cocaína**. Disponível em:  
<<http://www.corteidh.or.cr/tablas/19273.pdf>>. Data de acesso: 14 ago. 2018 [1987].

DÁVILA L., Andrés; LODOÑO, Catalina. **La nación bajo un uniforme: Fútbol e identidad nacional en Colombia, 1985-2000**. In: ALABARCES, Pablo (org.). **Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

HYLTON, Forrest. **A Revolução colombiana**; direção [da série] de Emília Viotti da Costa; tradução de Magda Lopes - São Paulo: Ed. UNESCO, 2010. *Revoluções do Século XX*.

MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

TOLOZA, Mario Alexander Velásquez. **La influencia del narcotráfico en la nacionalización del fútbol colombiano de 1982 a 1996**. Bucaramanga: Universidad Industrial de Santander, 2013.